

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA FEMINISTA:  
A DOCÊNCIA COMO ATO POLÍTICO. O FAZER TEATRAL COMO  
POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA.**

Trabalho de Conclusão do Curso  
de Licenciatura em Teatro, sob  
a orientação da professora Inês Marocco

**JUÇARA GASPAR**

Porto Alegre, 09 de dezembro de 2019.

## BIEN PUDIERA SER...

Pudiera ser que todo lo que en verso he  
sentido  
No fuera más que aquello que nunca pudo  
ser,  
No fuera más que algo vedado y reprimido  
De familia en familia, de mujer en mujer.

Dicen que en los solares de mi gente,  
medido  
Estaba todo aquello que se debía hacer...  
Dicen que silenciosas las mujeres han sido  
De mi casa materna... Ah, bien pudiera  
ser...

A veces en mi madre apuntaron antojos  
De liberarse, pero se le subió a los ojos  
Una honda amargura, y en la sombra lloró.

Y todo eso mordiente, vencido, mutilado,  
Todo eso que se hallaba en sua alma  
encerrado,  
Pienso que sin quererlo lo he libertado yo.

Alfonsina Storni

*Cada letra, palavra, frase, acentuação e pontuação dessa escritura é dedicada à minha mãe, dona Catú - a astuta - que sabe escrever apenas o seu nome - mas me deu toda a paixão e a emergência para o aprender. São delas todas as minhas palavras lidas e escritas, para sempre.*

## RESUMO

O presente escrito se ocupa em reunir referencial teórico, práticas vividas e alguns procedimentos escolhidos que permitam uma abordagem sobre as temáticas de gênero e que estimulem a não-violência. O espaço escolar é de vital necessidade para abrir espaços de diálogos, problematizar a (des)construção de imposições que deixaram marcas no processo de formação das/ dos indivíduos/os sociais. O entorno do teatro é outra potência, acontecendo junto com um registro acadêmico, uma diplomação é terreno mais fértil ainda. Este trabalho cumpre esse percurso entre as profissões pelas quais luto e nas quais existo como agente produtiva e questionadora: registrar práticas tanto no fazer cênico, como em experiências de docência. Justifica-se a realização desta pesquisa com base na necessidade de se registrar essas experiências, montagens de espetáculos, aulas e oficinas, que fazem parte desse movimento sobre teatro e gênero no sul do Brasil nos últimos dez anos, como também investigar academicamente questões de gênero no âmbito da educação. Documentar, registrar, ocupar espaços, promover encontros: a nossa história, estamos escrevendo agora! O teatro é como eu escrevo, existo, onde eu grito o que quero/preciso gritar, onde troco saberes e humanidades. Também é um dos canais mais fortes de comunicação que tenho e que permito utilizar como ferramenta útil e necessária desta incansável dar força e ser combate às violências cometidas contra nós mulheres.

Palavras-chave: teatro; docência; feminismo, gênero, práticas feministas;

La presente redacción se centra en reunir el marco teórico, las prácticas vividas y algunos procedimientos elegidos que permiten un acercamiento a las cuestiones de género y alientan la no violencia. El espacio escolar es vitalmente necesario para abrir espacios de diálogo, problematizar la (des) construcción de imposiciones que dejaron marcas en el proceso de formación de los individuos sociales. El entorno del teatro es otro poder, pasando junto con un expediente académico, un grado es un terreno aún más fértil. Este trabajo cumple este camino entre las profesiones por las que lucho y en las que existo como agente productivo y cuestionador: registrando prácticas tanto en la

experiencia escénica como en la enseñanza. Esta investigación se justifica en función de la necesidad de registrar estas experiencias. , montajes de espectáculos, clases y talleres, que forman parte de este movimiento sobre teatro y género en el sur de Brasil en los últimos diez años, así como también investigar académicamente cuestiones de género en la educación. Documente, regístrese, ocupe espacios, promueva reuniones: nuestra historia, ¡estamos escribiendo ahora! El teatro es cómo escribo, existo, donde grito lo que quiero / necesito gritar, donde intercambio conocimientos y humanidades. También es uno de los canales de comunicación más fuertes que tengo, y que permito usar como una herramienta útil y necesaria de esta fuerza incansable y de combatir la violencia contra nosotras.

## SUMÁRIO

1. Introdução
2. A Mulher e a História
  - 2.1 Minha História Das Mulheres
3. A Mulher e a Memória
  - 3.1 Ancestralidade
  - 3.2 O Silêncio Serve A Quem?
  - 3.3 O Teatro É Como Eu Grito
4. A Cia Dramática
  - 4.1. Frida Kahlo, à Revolução!
  - 4.2. Mulheragem
  - 4.3. Todas Nós
5. Oficina: Mulher, Protagonismo e Memória
6. Tentativas de uma abordagem pedagógica feminista e empática.
7. Vamos juntas!
8. Bibliografia

## 1. INTRODUÇÃO

O presente escrito se ocupa em reunir referencial teórico, práticas vividas e alguns procedimentos escolhidos que permitam uma abordagem sobre as temáticas de gênero e que estimulem a não-violência. O espaço escolar é de vital necessidade para abrir espaços de diálogos, problematizar a (des)construção de imposições que deixaram marcas no processo de formação das/ dos indivíduos/os sociais. O entorno do teatro é outra potência, acontecendo junto com um registro acadêmico, uma diplomação é terreno mais fértil ainda. Este trabalho cumpre esse percurso entre as profissões pelas quais luto e nas quais existo como agente produtiva e questionadora: registrar práticas tanto no fazer cênico, como em experiências de docência. A educação e cultura têm indispensáveis papéis como espaço de experimentação e conhecimento dessas possibilidades. Todos os espaços e lugares e grupos possíveis que essa prática empática possa acessar, nos interessa descrever aqui: são tentativas de uma prática pedagógica e teatral que dialoguem sobre as temáticas libertárias e de justiça, relacionadas à condição da mulher e o surgimento de novas masculinidades e portanto a busca por um viver e um relacionar-se menos tóxico e menos fatal.

Justifica-se a realização desta pesquisa com base na necessidade de se registrar essas experiências, montagens de espetáculos, aulas e oficinas, que fazem parte do movimento sobre teatro e gênero no sul do Brasil, como também investigar academicamente questões de gênero no âmbito da educação, visando conhecimento feminino na construção dos processos educacionais formais, populares e feministas, além de ser um reparo histórico quanto à invisibilidade da mulher na História.

Documentar, registrar, ocupar espaços, promover encontros: a nossa história, estamos escrevendo agora! O teatro é como eu escrevo, existo, onde eu grito o que quero/preciso gritar, onde troco saberes e humanidades. Também é um dos canais mais fortes de comunicação que tenho e que permito utilizar como ferramenta útil e necessária desta incansável dar força e ser combate às violências cometidas contra nós mulheres.

Há mais de dez anos trabalho nesse fomentar de agrupamentos artísticos de mulheres em espetáculos e performances e/ou o ministrar de oficinas de teatro que visam o público feminino ou que se identifica com esse gênero - sem que eu jamais tenha previsto, programado ou teorizado. Foi a minha construção como militante e na criação provinda do proletariado em contato com a arte, que forjou esse foco em um protagonismo artista<sup>1</sup>, isto é, um trabalhar na arte e militância de forma a uma impulsionar ou criar dispositivos para a outra e vice-versa, Essas práticas no fazer teatral, por sua vez, levaram a buscar nas aulas como educadora de teatro também práticas e teorias entrelaçadas com as pautas do feminismo. São essas as questões que abordo nesta escritura acadêmica e na vida, *gênero: identidades e igualdade* -. A esperança sempre mora no amor e assim como me inspirei com a representatividade e o protagonismo de mulheres, famosas, anônimas, colegas, familiares, estudiosas, artistas, enfim, tenho esse sonho de multiplicar em outras essas tentativas e práticas feministas, na docência e no fazer teatral.

---

<sup>1</sup> *Artivismo* é um neologismo conceptual. Liga o fazer entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas. CHAIA, Miguel. *Artivismo - Política e Arte Hoje* <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/6335/4643>

## 2. A MULHER E A HISTÓRIA

A mulher não consta na história embora sem ela nem a história, nem os homens que a contam poderiam existir. Uma História das Mulheres passou a ser contada somente no final do século passado, como nos situa Michelle Perrot no livro *Minha História das Mulheres* (Ed. Contexto, 2017), onde não se atém em dar uma simples resposta, mas sim em ponderar sobre as diferenças de opiniões e vivências, construindo um importante inventário sobre as mulheres. Ela narra em três páginas, 23, 24 e 25, uma pequena parte da antologia criada pelos homens sobre as mulheres, quase sempre homens brancos, cis e burgueses, uma torrente de discursos escravistas, opressores e condicionantes. O ideário que se fez desde o início dos tempos e se fixa através de teorias tão bizarras e revoltantes, mas que se perpetuam e precisam ser rompidas, como a de que há um Deus, e que ele é semelhante a imagem de homem branco, cis, e que esse Deus criou primeiro, claro, o homem e depois errou porque fez a mulher de uma costela, deveria ter utilizado um osso reto, daí sua torteza de caráter; ela come o fruto proibido e ainda o oferece ao homem que também peca, daí sua característica artilosa. A Bíblia é sagrada para os homens e serve a eles e foi escrita por iguais a eles. Não nos contempla, assim como as leis não nos contemplam, assim como essa história que está aí não nos contempla.

O título do livro de Perrot diz “Minha história das mulheres”, a princípio podemos considerar o livro como uma história muito particular e pessoal, mas não é. O “minha” sugere e convida mulheres a contar suas histórias e das outras mulheres também. Assim, cada uma contando o que sabe e o que leu de outras e o que viu e vivenciou em sua aldeia, cidade, comunidade, construirmos um mosaico de registros que vai crescer e juntas vamos nós mesmas escrever e contar a história que nunca foi ensinada.

O tempo é agora. Você já contou a sua? está pronta para ler a minha? Esse trabalho de conclusão é a *Minha histórias das Mulheres*, mais um documento da nossa existência, o registro de uma pesquisa construída e desenvolvida por uma mulher,

estudante, artista do teatro, mãe, educadora, brincadora<sup>2</sup>, artista, que tem nas artes performáticas<sup>3</sup> possíveis ferramentas de empoderamento e combate às violências sofridas por nós mulheres.

## 2.1. MINHA HISTÓRIA DAS MULHERES

Durante esses anos já exercitando as duas profissões, sempre me vi muitas vezes como Virginia Woolf no livro “Um Teto Todo Seu”, palestras proferidas por Virginia Woolf nas faculdades de Newham e Girton em 1928, o ensaio Um teto todo seu é uma reflexão acerca das condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina. Quando ela fala sobre a necessidade de ir até uma biblioteca procurar livros sobre mulheres e, o mais raro, escrito por elas. A escrita feminina, a memória da mulher, identidades latino-americanas, protagonismo feminino, essas temáticas e suas variações sempre ocupavam meus dias. Eu também buscava enciclopédias sobre personalidades, com títulos como “100 personalidades que mudaram a história”, no qual não havia uma mulher sequer, nem nas menções honrosas. Hoje temos mais possibilidades, do que há dez anos atrás, porém a escrita realizada por mulheres ainda não atinge a mesma gama de temas e assuntos como aqueles escritos por homens. Por que isso acontece? Não há como recuperar o que foi subtraído: milhares de anos de escravidão - a condição feminina sempre foi de escravidão e silêncio em épocas distintas - o que nos conta, de forma meticulosa e sagaz, Simone de Beauvoir. Os dados históricos e sociais na obra *O Segundo Sexo* de (Editora Nova Fronteira, 2019), tiveram e têm um papel histórico na revolução das ideias - livro que pela primeira vez descreve a condição da mulher e defende sua libertação, por meio de teses filosóficas e interpretações históricas. Em seu percurso filosófico mostra que a mulher não é definida

---

<sup>2</sup> Termo utilizado pela Casa de Brincar onde eu trabalho, o Espaço do Grupo de teatro Cuidado Que Mancha, que preza o tempo do brincar livre das crianças, a pedagogia da empatia e caminhos de construção não-violentas. a brincadora ou brincador se caracteriza por compreender o protagonismo da criança no brincar e atua como observadora/or na maior parte do tempo, intervindo só quando for essencialmente necessário. O termo existe mais no âmbito informal.

<sup>3</sup>As artes performativas ou artes cênicas são o conjunto de preceitos para o estudo e a prática da representação e a dramatização, seja no [teatro](#), na [música](#), na [dança](#), ou em qualquer ambiente de manifestações artísticas.

em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar masculino, que a confina em um papel de submissão. A obra foi recebida com escândalo na época, repudiado pela igreja e motivo de chacota de políticos e personalidades do poder patriarcal.

Beauvoir reúne sentenças angustiantes na primeira parte de sua obra *O Segundo Sexo*, denominada, *Fatos e mitos*, como por exemplo o que dizia Pitágoras que “um princípio bom criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau criou o caos, as trevas e a mulher”, sobre essa teoria podemos observar que depreciar as mulheres é um exercício antigo, que se seguiu durante séculos e constatar aqui essa forma de controle: a depreciação. Aristóteles atestou que na ausência do órgão sexual masculino, a mulher seria um ser incompleto, e por isso, inferior biológica, psicológica e intelectualmente. No século XVII, a angústia segue - mais recentemente Spinoza reforçou Aristóteles, dizendo que elas eram desiguais aos homens “na força da mente e habilidade intelectual” - considerando-as incapazes para exercer cargos políticos. O século XX foi o século do *Complexo de Castração – Inveja do Pênis*. S. Freud, 1922. “A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Temos conhecimento também de que até o século XX, quando as mulheres começaram alcançar alguns direitos e exercer seu protagonismo em sua vida, sempre coube aos homens decidir quais papéis elas deveriam representar em cada época de cada sociedade. A história é escrita por homens, do ponto de vista masculino, as eras literárias, as descobertas das ciências, as leis. Isso vem do início dos tempo: os mais fortes se apropriaram do poder, grosseiramente, impediram as mulheres de participar da produção, de modo que os homens tivessem tudo nas mãos. E como também nos conta Beauvoir, havia um controle rígido para que os homens mantivessem o poder - ela usa o exemplo da Idade Média, quando a mulher tinha muita sabedoria médica, muito conhecimento de ervas e plantas e remédios poderosos - a medicina foi tirada de suas mãos pelo homem, com a caça às bruxas. A perseguição a benzedoras e curandeiras, foi fundamentada na vontade do homem de afastar as mulheres da medicina e depois vieram estatutos: nos séculos XVIII e XIX, eles proibiram o exercício da medicina por mulheres. O controle vem desde a infância ouvindo as histórias e lendas que eram tradicionalmente contadas de mães/pais para filhas/os, de príncipes guerreiros, majestosos e valentes em seus cavalos brancos,

resgatando as princesas, donzelas indefesas, que ficaram sentadas a vida toda à espera de seu salvador, ou com brincadeiras para meninos e outras para as meninas. Além disso a mulher durante a história sempre foi uma mistura de santa com bruxa, para a igreja e a medicina, que nunca conseguiu decifrar a concepção e o poder da gestação. Para parir um ser com espírito teria ela feito um pacto com demônio? Também havia o controle econômico, porque era o homem incumbido de trabalhar e ganhar o sustento e à mulher ficava esse trabalho que é quase uma condenação, limpar e fazer comida todos os dias da vida, sendo que nada aparece e não tem valor agregado para o mercado, não gera produtos ou resultados, então, nada vale no mundo do capital. E se fossemos pagar esse serviço dedicado durante séculos? O que acontecia então? a subjugação, a mulher ficava dependente, não aprendia ofício algum porque não lhe sobrava tempo entre o tanque, os filhos e o fogão. E quando o homem a abandonava ela ficava à mercê, não sabendo como se sustentar. A menos de cem anos conquistamos o direito a votar e ser votada, ainda hoje somamos apenas 5% de representatividade em cargos políticos. Sobre as mulheres, pouco se sabe. O advento da história das mulheres, segundo PERROT (2017, 19), deu-se na Grã-Bretanha e nos EUA nos anos 1960, depois França e então espalhou-se pelo mundo, “mas para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios, e é muito difícil porque sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos” prossegue PERROT (2006, 21). Às mulheres só foi permitido o acesso à universidade nos anos 70 e só então começou a ecoar uma afirmação: é impossível uma história sem as mulheres. Dito isso cria-se uma questão gigantesca: como reconstruir nossos passos por este planeta, onde parece que nunca existimos? - salvo poucas de nós - Até os anos 70, o que está nos livros, enciclopédias e registros da história, registra que existiam no planeta muitos homens e uma meia dúzia de mulheres, rainhas, ou mártires, que aparecem vez ou outra. Os homens são quem detém o conhecimento, as leis e o sagrado, são eles os cânones da dramaturgia (onde além de escrever, encenavam como eram as mulheres), cientistas, matemáticos, filósofos, pintores, escultores como o Rodin, que se fez passar por autor de obras de Camille Claudel. Ela a artista que passou metade da vida, quase quarenta anos, em um sanatório afirmando que as obras eram delas, que ela havia sido roubada. Sem nunca ter sido

ouvida só saiu de lá para o cemitério. Quantas mais não tiveram suas obras roubadas? Mulheres não podiam assinar obra alguma científica, política, filosófica, artística e se assinasse nada era levado a sério e jamais seria chamada para uma exposição, não teria entrada em lugar algum, não haviam portas abertas para mulheres. Quantas mulheres não foram roubadas durante a história do mundo? Como a pintora Margaret Keane, hoje com 92 anos de idade, que durante anos viu seu marido Walter Keane se passar por autor dos quadros que ela pintava, ganhando milhões e “administrando” vendas, posando de pintor em vernissages e exposições. A história voltou a ser notícia, com o filme de Tim Burton intitulado “Grandes Olhos”, de 2014, que nos mostra ela se enchendo de coragem para ir à justiça. Ela recebeu 4 milhões em prejuízos só em 1986, sendo que em 1965, lhe foi concedida a separação judicial de seu marido. E, em 1970, ela confessou em um programa de rádio que todos os “olhos” eram dela. Ela também contou que tomava conta de suas duas filhas e pintava à noite, enquanto ele viajava e bebia muito. Em resposta, Walter disse estar “perplexo” com o ocorrido, disse estar muito desapontado com Margaret e se comparou a pintores famosos como Michelangelo. Então acontece a reação pública que reivindicava uma “competição” de pintura. Foi então que ele declarou estar com uma lesão no ombro e não pintou. Margaret produziu a “Exhibit 224”, uma obra de arte pintada diante dos jurados, em 53 minutos, que venceu dramaticamente a disputa. Keane está viva e pôde contar a sua história para Burton, que é seu fã e tem alguns exemplares de seus quadros. Ele vai além e documenta com os registros de rádio, das entrevistas que ela deu à época, das notícias em jornais. Me interessa esse escavar, esse desvelar, recontar para que se mantenham vivas nas mais jovens essas histórias e mais mulheres denunciem e mais homens, como o Burton, se juntem para contá-las, descobri-las e revivê-las.

Como conseguir compor o déficit? essa subtração de nossas antepassadas ? (mulheres perdiam sobrenome ao casar e quando nasciam, nem sempre recebiam o sobrenome da mãe); de nossa participação na história e estatísticas? ( eles como plural, anula o elas); De descobertas científicas e artísticas que não podíamos assinar? (porque mulheres não tinham capacidade intelectual para a ciência ou para criar obras de arte). Desse modo, com tantas afirmativas teóricas e práticas sobre a inferioridade da mulher e

sobre a necessidade que ela tem de ser guiada e orientada por um homem, seja um pai ou um marido, não é de se estranhar que a supremacia masculina tenha se estendido por tantos séculos ao longo da história. Éramos confinadas, em casamentos onde o marido se tornava dono da mulher. Em seu ensaio *Mulheres e Ficção* (Ed. Cosac Naify, 2014), Virgínia Woolf exemplifica como era difícil o fazer criativo, a arte, a construção de uma identidade e mitologia: “Quando a mulher era passível, como foi no século XV, de levar uma surra e ser jogada no quarto, se não se casasse com o homem escolhido pelos pais, a atmosfera espiritual não era favorável à produção de obras de arte”. WOOLF (2014, 273).

No livro *A História das Mulheres no Brasil* (Ed. Contexto, 2004), a professora Guacira Lopes Louro que é referência mundial em estudos da mulher, publica o artigo *Mulheres na Sala de Aula*, na busca por desvelar uma história das mulheres, aquela subtraída, abafada, “que não vinha ao caso”, mas que agora lateja por todas as partes e aguça as vozes mais silenciadas. Hoje nos é evidente que haja uma História das Mulheres, mas antes isso não existia. Por que isso? Por que esse silêncio durante milhares de anos? Onde estavam as mulheres, enquanto os homens sempre completam os cem nomes que “mudaram o século” - que “mudaram o mundo” nas enciclopédias? nós não movemos o mundo?

“Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado  
- emancipação da mulher -,  
nossa débil voz se levanta na capital do império de Santa Cruz,  
clamando: educai as mulheres Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados!  
Governo, que vos dizeis liberal!  
Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?”  
(Nísia Floresta, em 1853)

É com essa citação que Guacira abre seu estudo sobre *Mulheres Na Sala De Aula*, que faz parte do livro organizado por Mary Del Priore e Carla Dessamari - *História das Mulheres no Brasil*. Fui obrigada a replicar essa citação aqui porque deve ser lida e relida, para lembrarmos sempre dessa mulher furacão, desafiadora, brasileira que nasceu

em 1810, numa cidade que na época chamava-se Papari e que hoje mudou o nome para Nísia Floresta, é um município do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do país - está inserido na Região Metropolitana de Natal e no Polo Costa das Dunas. É dela que temos o primeiro registro da luta feminista no Brasil. O que Nísia pretendia? O que a fez tomar as decisões que tomou? Denunciar a condição das mulheres de sua época e evocar a educação como solução para o seu libertar-se? Sei menos do que gostaria de saber sobre Nísia, sei que é escritora, de família de classe alta, que foi dada em casamento aos treze anos e o rompeu logo depois e retornou para a casa dos pais. O fato de poder estudar a fez querer outras coisas para si, que não cumprir o círculo vicioso de uma sociedade que a oprimia no formato que estava composta. Mas lembrando que ela nasceu em 1810, publicou uma série de artigos denunciando a condição feminina, escreveu poemas, poesias, novelas e contos, compreendemos que ela se fez ouvir de qualquer modo, numa era ainda escravocrata, de latifundiários e coronéis ditando tramas políticas. Que curioso! (Veja você que nada muda realmente, já que, todavia, observamos que seguimos com latifundiários e militares ditando o que se vislumbra desde já como *a visão do inferno*, num mandato de quatro anos. Feliz 2019! Um ano que não é para as/os fracas/os). Também sabemos que as ideias do feminismo no Brasil e em muitos países, veio inspirada através de mulheres de classe média, que acessam informações e ideais em viagens e disseminavam aqui, quando retornavam. Guacira conta das primeiras escolas que recebiam mulheres, normalmente de congregações religiosas, com professores para os meninos e professoras para as meninas.

Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOPES NETO, pág. 444).

Quando releio esse trecho lembro de muitas mulheres das biografias que tenho lido, todas de alguma forma sonharam em educar-se, algumas conseguiram romper o preconceito e seguir adiante em seus estudos. Isso mostra o quanto a educação tem uma simbologia e uma prática importante na emancipação feminina. Outro ponto convergente

é que em vários casos essas mulheres, são contestadas pelas mães (mulheres escravas desse silêncio citado na introdução desta resenha), mas conseguem convencer seus pais, que sabemos, era o elo formal da família com a sociedade. Muitas também tornaram-se professoras de suas arte, compondo suas memórias e criando ações ligadas ao sensibilizar a experiência e o prazer do aprender.

Um exemplo que uso para tudo, em cursos e aulas, em termos de feminismo, é a poderosa pintora mexicana Frida Kahlo, tema de uma pesquisa que mantenho viva desde 2008. Ela nasceu em 1907 e queria muito continuar os estudos para fazer a faculdade de Medicina, recebeu como resposta uma sonora negativa da mãe e o apoio do seu pai e foi a única das cinco filhas a ingressar numa escola preparatória para a universidade. Aqui um dado histórico importante: ela foi uma das 35 mulheres da primeira turma feminina na Escuela Nacional Preparatoria, porém o acidente que sofreu a impediu de seguir os estudos. Em 1944, quando estava com 37 anos, voltou ao meio escolar, dessa vez como arte-educadora, dando aulas de desenho e pintura na Escuela La Esmeralda de Coyoacán, na qual havia tido classes de desenho e pintura quando era adolescente. Lecionou por dez anos, até que sua condição física a impediu de ir até a escola, durante alguns meses as/os alunas/os iam até sua casa ter aulas. Penso também em Camille Claudel, que teve o rancor eterno de toda sua família, por terem tido que mudar-se do interior da França para a capital, para que ela tivesse classes de escultura com os mestres da época, tudo arquitetado por seu pai, incentivador de seu dom que era latente desde a tenra infância, quando aparecia dentro de casa toda suja de barro, porque passara o dia esculpindo.

Guacira também exemplifica a sempre injusta balança onde os homens recebem maiores salários, mesmo desempenhando a mesma função que nós. A única lei que servia para ambos os gêneros era a distinção de caráter na sociedade onde atuavam, normalmente personalidades religiosas e de “boa família”. Quando observamos o percurso realizado pelas mulheres na conquista de seus direitos mais elementares, como o de ser alfabetizada, poder frequentar escolas, ou simplesmente ser considerada dotada de inteligência, verificamos o quanto esse trajeto foi penoso e só é possível vislumbrar através das pistas, escritos, artes, ensaio, descobertas, documentos e registros que algumas mulheres conseguiram deixar em tempos tão contraditórios, em parte também, das trilhas deixadas

por algumas escritoras em seus textos, conscientes de que faziam parte de uma reduzida elite de mulheres letradas, e que a educação era importante para a valorização social do gênero feminino. Que sigamos registrando nossos passos e nossa revolução!

No Brasil, em meados de XIX após meio século de reclamos sobre a deficiência na docência no Brasil, alguns avanços foram feitos e algumas instituições para formação de professores e professoras surgiram, junto a isso veio o *boom* da industrialização e aconteceu um fenômeno social: os homens migraram para outras áreas, que foram surgindo e a escola virou um campo de trabalho feminino.

*Esse movimento daria origem a uma “feminização do magistério” – também observado em outros países –, fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. (LOPES NETO, 445)*

O que alguns diriam que seria um fracasso total, dado o “desuso do cérebro” das mulheres e outros, pelo contrário, diziam que já tínhamos um dom natural para acolher as crianças na escola, já que a educação se tornava a extensão da maternidade, discurso que calou os contrários e convenientemente “abriu” um espaço para as mulheres se desenvolverem nesse meio, sempre sob o controle do homem.

Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia apresentar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da miséria da maternidade, da pureza do lar. ( LOPES NETO, 446)

Assim começa a história das mulheres na educação, não como uma profissão assim conhecida, enquanto homens a dominavam, mas como dom natural, como treinamento para o casamento e para a maternidade, um trabalho de um turno só, para no outro poder dar conta das suas responsabilidades em servir a casa e o

marido. Porque afinal de contas o afeto é indispensável para a eficácia da aprendizagem. Notem que além de ter que fazer um turno na escola, outro em casa, com filhos e maridos, além de sermos afetuosas, o que pra nós não é esforço nenhum lógico, ainda ganhamos menos. A direção das escolas era sempre ou, na grande maioria dos casos, ocupada por homens, já que isso consistia um poder demasiado grande para as mulheres. Além disso houve a preocupação com a sexualidade de meninos e professoras; como também a ideia de que seria algo transitório, o fato de um trabalho fora de casa. A mulher era para ser mais educada do que instruída e haviam disciplinas diferentes para mulheres e homens. As das mulheres estavam relacionadas com gerir um lar e as dos homens com os assuntos que “movem o mundo” matemática, geometria, física, química, etc.

Romantizadas como *professorinhas* em uma época, tratadas como ‘tais’ em outros ou a mãe espiritual, a que vive de pão e água pelo seu sacerdócio, seu dom, sobrevivemos e continuamos a nos multiplicar: segundo censo escolar de 2017, das 48,6 milhões de matrículas da Educação Básica, 49,1% são de mulheres. O mesmo levantamento mostra que as mulheres representam 80% dos professores dessa etapa. Nas experiências que tenho tido nas oficinas informais que ministro para mulheres, já ouvi, de mulheres diferentes, de cidades diversas, que “antes apanhamos porque não sabíamos nada, agora apanhamos porque sabemos demais”.

Em fevereiro de 2019 foi publicado um levantamento do Datafolha iniciado um ano antes, em fevereiro de 2018, encomendada pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil, mostrou dados alarmantes: não foram casos isolados. Nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres haviam sido espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. Os novos dados corroboram o que outras pesquisas já mostravam. Grande parte das mulheres que sofreram violência dizem que o agressor era alguém

conhecido (76,4%). Essa é nossa situação atual, que fique aqui documentada. Seguimos lutando por representatividade na política, mas 95% dos cargos políticos que fazem as leis que incidem sobre nossa casa, nosso corpo, são feitas por homens.

A inclusão de demandas feministas ainda está só na teoria ou nas peças de marketing de empresas, organizações e até de espaços de diálogo mais amplos como as universidades. Ainda são os homens a ocupar os cargos de chefia e a remuneração segue sendo uma para mulheres e outra, maior, para homens, ambos atuando na mesma função. As violências e os sistemas de controle perduram e muitos homens ainda acham que isso não acontece, que eles não percebem. Há porém um pequeno movimento acontecendo, sobre reconhecimento de privilégios, estratégias e mecanismos de diálogo.

O crescimento assustador do feminicídio exige um novo olhar crítico para o problema: colocar em evidência os autores dos crimes, os homens. As soluções duráveis para o problema da violência de gênero devem atingir todos os níveis institucionais, políticos e culturais, onde os homens detêm uma influência desproporcional. O diálogo precisa ser ampliado. Assim também no âmbito acadêmico e teatral é escassa a presença de homens em debates que pautem a igualdade e reflexão sobre temas de gênero. Mesmo que ainda tímido há um movimento em ascensão: esses estudos chamados de estudos das masculinidades surgiram nos anos 1970, se fortalecendo a partir dos anos 1980. São uma consequência direta do movimento e avanços do movimento feminista.

Recentemente uma iniciativa da organização PapodeHomem e Instituto PdH, resultou no documentário *O Silêncio dos Homens*, lançado em 2019, parte de um projeto que ouviu mais de 40 mil pessoas em questões a respeito do que é ser homem e de como o homem se constitui em silêncio. A pesquisa resultou em um documentário e num livro-ferramenta baseado nesse estudo com dados públicos. O documentário mostra um movimento que vem acontecendo nos últimos três quatro anos, de grupos formados por homens, alguns ligados à arte, outros a paternidade, outros a fatores religiosos ou sexuais, mas todos na busca por novas masculinidades, não-tóxicas, não-violentas. No próprio documentário se assume o papel do feminismo nesse movimento: com essa grande movimentação das mulheres na história ocupando todas as

funções possíveis e existentes, ocupando seu espaço de fala e que lhe compete no mundo, houve uma necessidade de também os homens organizarem-se. O feminismo liberta mulheres e também liberta homens: estão libertos do peso de ter que sustentar uma mulher e podem inclusive chorar, como seres humanos que são. Experiências e ideias simples que cavam esse cimento do patriarcado onde o homem é o centro e a mulher é o outro, o gay é o outro, a trans é o outro, etc. Muito se avançou e sou feliz por estar vivendo essa história, mesmo assim, fomento também as problematizações de como estamos fazendo e até que ponto nos conhecemos para então propor essa transformação. De qualquer forma as transformações históricas sempre se deram assim, na emergência que assola as classes - não há tempo de programar, a urgência que a violência nos tange é esmagadora. Escrevo essa Minha História Das Mulheres na primavera de 2019 enquanto os índices da violência praticada contra mulheres e crianças, gays, negros e trans atinge números tão altos, que especialistas já chamam de epidemia. A cada minuto uma mulher é agredida no Brasil, a cada 8 minutos uma criança de 2 a 10 anos é violentada. São os homens que matam. Os homens que praticam esses crimes não são doentes, são machistas, creem categoricamente que não somos pessoas e sim objetos, de fácil descarte. É preciso pautar novas práticas e masculinidades.

Venho desses fatos até nossa história atual e finalizo sob a luz de Judith Butler, filósofa que ao pautar o feminismo, a teoria queer, a ética e as artes, faz do seu pensamento um marco para diversos campos das humanidades. Ela utiliza a fenomenologia e o feminismo, na direção de revelar como o mundo é construído por atos formadores de experiência subjetivas. A partir da frase de Beauvoir - *Não se nasce mulher, torna-se mulher*, Butler transita por diversas áreas (como a psicanálise, as teorias feministas, gays e lésbicas, e o pensamento pós-estruturalista) para problematizar a identidade, revelando-a provisória e em constante reconstrução. Em seu ensaio *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista* (Caderno de Leituras, nº78, tradução de Jamille Pinheiro Dias, 16 páginas), ela define:

O corpo se torna seu gênero por uma série de atos renovados, revisados e consolidados no tempo. De um ponto de vista feminista, pode-se buscar reconceber o corpo generificado mais como o legado de atos sedimentados do que como estrutura, essência ou fato predeterminados ou fechados, sejam naturais, culturais ou linguísticos. Como um campo corporal do jogo cultural, o gênero é uma questão fundamentalmente inovadora, ainda que esteja bastante claro que existem punições rigorosas para quem questiona ou sai do roteiro, ou mesmo para quem improvisa de maneiras não autorizadas. O gênero não é passivamente inscrito no corpo nem determinado pela natureza, a língua, o domínio simbólico ou a assoberbante história do patriarcado. O gênero é aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção, diária e incessantemente, com angústia e prazer.

Termino o capítulo com essa ideia de buscar no passado atravessamentos possíveis e inspiradores de um futuro promissor para o pensamento de justiça e liberdade de gêneros. Não tomo o fator de exaltar as mulheres e suas artes como uma restrição de preservação binária, mas as investigo como forma de mostrar esse universo subjetivo de construção e as formas como algumas mulheres encontraram para libertar-se. Essa é minha temática e a minha bandeira. Deste modo podemos nos inspirar a traçar o caminho de ser realmente o que queremos, sem a coerção dos sistemas de formação daquilo que é socialmente permitido. Lembrar mulheres que negaram obedecer a definições enclausurantes é uma forma de inspirar diretamente, já que percebemos na outra esse reconhecer-se, nessa estranheza que é ‘fugir de padrões’. Desvelar biografias de mulheres e a minha própria é produzir material direto de empoderamento, do “pessoal que é político”. da construção da ideia de que gêneros estão em ação direta de transformação e todos podem lutar contra essa violência naturalizada pelo sistema, cada um com sua construção, em seu coletivo e sua forja de mecanismos. Tecer a sua própria liberdade interfere no tecer alheio, da mesma forma que o tecer da outra te permite outras vivências e vice versa.

### 3. A MULHER E A MEMÓRIA

Um estudo realizado pelo setor de psicologia da Hamilton College Hamilton College - instituição de ensino superior localizada em Clinton, Nova York - demonstrou que as mulheres possuem melhor memória do que os homens. As mulheres conseguem se lembrar de dados e acontecimentos autobiográficos, com muitos detalhes e num tempo menor do que os homens levariam para resgatar esse tipo de memória. De acordo com Azriel Grysman, autor do estudo, a memória privilegiada das mulheres é resultado do desenvolvimento da memória na infância, pois a idade ideal para formar lembranças é o período entre os dois e os seis anos de idade e o fato de as meninas conversarem mais do que os meninos neste período, faz com que elas consigam reter mais informações. Essa é só uma das razões, há uma lista de ações que repercutem nesse arquivo apurado de lembranças das mulheres, com mais ênfase nas histórias autobiográficas.

A mim me parece justo que lembremos mais, já que fomos proibidas de registrar nossa memória na história. Lembrar é deixar vivo, daí que ficasse gravada mais fortemente em nossa mitologia e pensamento, numa urgência, gana, de passar adiante oralmente e através de diários pessoais a nossa existência. Todo o primeiro movimento literário impulsionado por mulheres foi de memórias, entrelaçadas com romances no campo/espço doméstico. O silêncio nos condicionou a reter na memória todo e qualquer detalhe das poucas vivências aventurescas que rompem a sistemática cotidiana da rotina condicionada.

Nesse memorial falo do lugar de mulher de quarenta anos, mãe, futura licenciada em duas profissões “não-gratas” pelo sistema do capital, muito menos ainda pelo atual governo fascista. Não é fácil ser educador nesse país, a se reconstruir todos os dias, dias marcados por falta de incentivo e reconhecimento, passando por greves, situações hostis. Como professora e ainda de teatro, digo ainda porque a arte é outro tema atacado: os artistas, que tem o seu valor minimizado por cortes em políticas públicas, falta de planejamento para a cultura, sucateamento na já limitada estrutura pública de cultura, espaços de arte em situações devastadoras. Lutamos por nossa não extinção, por sobreviver e ainda semear, por fazer a diferença.

Eu escrevo sabendo de tudo isso e querendo estar exatamente onde estou, fazendo isso que escolhi fazer. Falo também a partir de uma pequena perspectiva que tenho vivido, que é o de ser brincadora de uma Casa de Brincar, estar envolvida com o ‘jogar’ com as/os pequenas/os de 2 a 6 anos e com a pedagogia do afeto. Lembro do John e da Yoko: “As mulheres são os negros do mundo”. Eu falo profundamente e com paixão, como uma luz a mais para quem como eu, crê na arte e na educação como práticas libertadoras. Escrevo por fim para que possa enlevar você, que por acaso ler essa escritura, para que conjures as mulheres da sua mitologia e construa também um inventário pessoal e histórico das suas mulheres que mudaram o mundo.

Assim vou tecendo a rede, forjando instrumentos, inspirando a denúncia, a catarse, desvelando biografias, porque também creio como Beauvoir que “Não há para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação” e “a aventura de ser a si mesma”. Como recuperar um tanto do que a opressão do machismo e patriarcado afetou nossa história? Essas interrogações que faço aqui a cada capítulo estão sempre comigo. Essa cisma em discutir e analisar a opressão e desigualdade que experimento como mulher, ou que vejo uma mana experimentar, sofrer, acredito ter sido imperativo, mas também teve o percurso que vivi até aqui. Percorro meus próprios passos e busco nessa memória, com ganas e paixão, recontar e gravar a mitologia que trago de minha mãe e da mãe de minha mãe e de todas as mulheres que cruzaram meu caminho.

### **3.1. ANCESTRALIDADE**

Sou a oitava filha e a sexta mulher da prole. Minha mãe se chama Catulina. A nona. A Catu. Costureira de profissão, gosta de dançar, lê com dificuldade e sabe escrever apenas o seu nome, mas sempre soube que a educação liberta porque foi a maior incentivadora das filhas/os para que buscassem seguir os estudos; Em 2016 sobreviveu a uma depressão aterradora que a tirou por um ano inteirinho de nós. Compartilhou comigo e com a Valquíria (avó paterna) os cuidados com o Ariel, meu primeiro filho. Lembro de quando era pequena, ela me acalentando no colo molhado do tanque. Batalhadora incansável, mãe amorosa. Minhas irmãs são a Clara, que me ensinou a delícia que é ler um bom livro, montou meu enxoval de bebê porque mesmo

muito jovem, já trabalhava na época do meu nascimento; a Zélia, minha mana que casou muito cedo e teve três filhas e dois filhos, me dando cinco sobrinhas-netas/os; A Tere, nosso anjo, parceira de todas as horas, uma força gigantesca de zelo e amor; a Solange, minha mana auto-astral e que trabalha como mestre de obras e pintora profissional de casas; e a Bia, minha parceira de festas e shows na juventude, que me incentivou muito a estudar e tornou-se engenheira numa faculdade particular, com a parceria da empresa onde hoje é chefe do departamento de química.

Minha avó materna, Teresa, também era chamada de nona. Morreu de leucemia quando eu era uma sementinha de dois meses no útero de minha mãe. Minha mãe conta com muito amor, como sua mãe era maravilhosa e cheia de qualidades. Descreve as roupas que ela fazia com riqueza de detalhes. Teresa além de costureira também era respeitada como festeira da cidadezinha, sempre que alguém casava ou fazia aniversário de casamento, chamavam ela para organizar o bufê e fazer o vestido da noiva. Minha avó paterna, Rosa, era benzedeira e quando eu nasci ela era casada com o segundo marido. Quando ela morreu eu tinha 18 anos e não lembro de gostar de ir à casa dela. Tudo lá era muito pobre. Vivia numa casinha de dois cômodos nos fundos de minha tia, tinha problemas respiratórios e incontinência urinária. Tudo parecia sujo e fedia a mijó. Sinto muita saudade hoje e penso que jamais deixaria que vivesse daquela forma. compraria fraldas e não a deixaria viver cheia de panos imundos. Mas tudo era difícil naquela época: na minha casa era tudo muito limpo, mas nosso tudo era bem pouco. Vó Rosa tinha olhos verdes e pele clara. Os cabelos eram longos até o fim da vida, escorridos e engordurados. Lembro de suas mãos enrugadas e macias segurando os galhinhos molhados e sussurrando suas bênçãos.

Minha mãe nasceu em Mormaço/RS, em 1946 e meu pai em Camargo/RS, em tal 1942, cidadezinhas situadas na Região da Produção, no Rio Grande do Sul. Catulina Gaspar de Barros é o nome da minha mãe que teve dez irmãs/irmãos, todos mestiços, alguns com traços indígenas mais acentuados. A linhagem nativa ela herdou do meu nono Sebastião Gaspar da Silva e a origem italiana da minha nona Tereza Rosa de Oliveira. A Catu, ou A Nona, como é carinhosamente chamada, traz muitos traços guaranis: é de estatura baixa, rosto redondo, cabelos escuros e pretos como a noite, os

pelos no corpo são ralos ou inexistentes. Quanto mais envelhece, mais cacique, mais pajea, mais deusa lua, fica. Cuida de todas/os, sempre há lugar para mais um na mesa, sempre tem um tempo para prosear em roda, tomando um mate e sentindo o vento. Ela conheceu meu pai aos 13 anos e ficaram noivos com arranjo da família quando ela tinha 15, com 16 anos casaram-se. Ela pariu a primeira filha, Clara, quando contava 17 anos, de dois em dois anos vieram Zélia, Terezinha, Solange, João Pedro, Zolair, José e eu, Juçara, que nasci com três anos de diferença do José. Sou a oitava e a única que nasceu de cesárea em um hospital. Todos os outros sete partos de minha mãe foram em casa, assistidos por parteiras, comadres e/ou mulheres da família.

Nasci no interior do Sul do Paraná, em uma cidade chamada Chopinzinho, que traz esse nome pela incidência de pássaros da espécie Chopim naquela região. Como disse, fui a única das filhas/os a nascer no hospital, pois minha mãe teve de ser hospitalizada antes e uma cesárea foi marcada para o dia 12 de outubro, dia de nossa Senhora Aparecida é conhecido também como dia das crianças. Minha mãe teve hepatite e havia o perigo de vida, tanto dela, quanto meu. Ela fez uma promessa à santa e eu nasci, dizem que era uma bebê esquisito que cresceu no sul do Paraná, até os 5 anos. Como fomos parar no Paraná? Foi em 1964, quando meus pais só tinham a Clara, primogênita. Aconteceu que meu avô paterno, Manuel Sales Dos Santos, faleceu e o acontecimento transtornou meu pai, que queria partir para outro lugar, para fugir daquelas lembranças. Levou consigo a família, para terras ainda selvagens e sem qualquer recurso, ficando a 40km da cidade mais próxima, sendo que na época só se locomoviam com carroças ou à cavalo. Outro modo de chegar à outro vilarejo próximo era atravessando o Rio Iguaçu, o que faziam sem saber nadar, levando consigo nessas incursões na canoa, filhas, cachorros e sacas de alimentos colhidos para venda ou troca. Estiveram na zona rural, em casas de barro e teto de palha, vivendo como indígenas, semeando como agricultores, produzindo e descobrindo o poder do trabalho na terra. Mas a história se repete tantas vezes e parece clichê: perderam colheitas inteiras e acabaram por vender as terras para pagar a dívida com banco, indo para a Cidade e comprando uma casa e meio terreno, a outra metade era do meu tio, irmão da minha mãe.

Assim vivemos em comunidade, durante muitos anos, porque meus tios também tinham uma dezena de filhas/os. Minha mãe trabalhava como diarista, meu pai como vigia ou mestre de obras, minhas irmãs foram prestar serviços em casas de família e o meu irmão João Pedro, correr as ruas com sua caixa de engraxate. Eu, o José, a Zolair, e a Sola, contávamos 1, 4, 6 e 10 anos, respectivamente, elas/e iam à escola e sobrevivemos em casa como podíamos. Quando eu tinha cinco anos, chegou a notícia, através de um tio que havia se mudado para uma Região no RS que tinha muito trabalho, com o crescimento da indústria coureiro-calçadista e possibilidade de não passar fome - que era o que vinha acontecendo conosco no Paraná - numa Cidade que ainda subsistem do trabalho na lavoura. Para uma família sem terra, era impossível arranjar trabalho e comida para todas/os.

O protagonismo das mulheres chega antes às classes subalternas, porque a necessidade fala mais alto que alguns padrões pré-estabelecidos: Nesse mesmo ano, 1983, minha família se mudou para Portão, primeiro vieram meu pai e duas irmãs mulheres, já que o primeiro filho homem contava apenas 12 anos. Meu pai e minhas duas irmãs, a Clara, com 21 e a Tere com 16, chegaram, arranjaram empregos e prepararam a vinda do resto da trupe. Todas/os foram trabalhar na indústria. Os salários eram entregues à minha mãe que devolvia algum trocado para elas/es e organizava a contabilidade sempre difícil de tantas bocas para alimentar. Alugamos uma casa, e nos primeiros anos em Portão, minha família abrigou mais dois primos que vieram do Paraná também para tentar a sorte aqui. Éramos 12 pessoas, em uma casinha de aluguel, com dois quartos. Nessa época, eu e a Bia, nos divertíamos muito com peças de roupas que minhas irmãs compravam com o que a mãe devolvia dos seus poucos salários. Eu ficava extasiada, já que estava tão acostumada a receber roupas surradas, que já haviam passado por quase todas. Nessa época passamos a ter contato com a tv e com revistas, onde eu encontrava material para as encenações que fazia com minha irmã, no contraturno da escola. essas brincadeiras me marcaram para sempre: porque eu me divertia tanto e sentia um prazer dantesco de me fazer passar por outra pessoa? Outra marca que pode ser vista em meu trabalho atual é que por essa idade fui proibida de andar com meu irmão e seus amigos pelos açudes e campos. Quando indaguei: “e ele,

mãe? Ele também vai ter que parar?” A resposta que minha mãe me deu foi que isso “não era coisa de menina”. Lembro que ela me olhou e desaprovou também o fato de eu estar só de bermuda, como meu irmão e finalizou me dizendo que era bom começar a me vestir colocando a parte de cima da roupa como as outras garotas.

### **3.2. O SILÊNCIO SERVE A QUEM?**

Mergulhei nessa viagem pessoal que fiz, no percurso de feitura do meu trabalho de conclusão. O desvelar de memórias fez não só reviver um fato doloroso, como foi propulsora de uma decisão: enquanto escrevo essas linhas trabalho numa forma de denunciar o homem que me molestou na infância. Com dez anos mudei com minha família para uma casa própria, ainda com tábuas no lugar das janelas, tábuas escoradas por tocos de madeira. Por essa época era muito apegada aos meus dois únicos sobrinhos: uma menina de 6 e um menino de 4. Uma noite nas férias me convidaram para dormir lá e o pai deles, meu cunhado na época, entrou no quarto que nós crianças dormíamos e tocou minhas partes íntimas. Lembro de acordar assustada e me mexer muito para fazer barulho e afugentá-lo, lembro também de passar o resto da noite acordada, com um pavor que nunca senti e não desejo que ninguém passe na vida. Nessa época todas/os trabalhavam, menos eu e a Bia, eu estudava de manhã e ela a tarde e no contraturno ficávamos sozinhas em casa. Numa dessas tardes aconteceu a segunda investida do pedófilo: entrou pela porta dos fundos da minha casa, enquanto eu lavava a louça, abriu as calças e me mostrou o pênis - com dez anos vi um pau pela primeira vez e foi a primeira vez que aponteí a faca para um homem. Peguei ela ainda molhada de água e sabão e enquanto a empunhava disse todo o tipo de impropério. E se eu não tivesse reagido assim? Durante trinta anos eu calei, mesmo sendo esclarecida e tendo lido muito sobre o assunto nos últimos quinze anos, mesmo tendo fundado uma companhia de teatro que defende nos palcos temáticas feministas e montado três trabalhos teatrais relacionadas a isso, só agora fazendo esse memorial, consegui falar a respeito.

Duas irmãs vieram a minha casa há um mês atrás e comecei contando sobre minhas leituras e meu TCC, emendei com coragem e narrei minha história do assédio. O

fato de eu contar as fez, pela primeira vez também abrirem-se e para meu espanto elas deram depoimentos muito parecidos, molestadas também por esse homem. Minha tristeza e revolta triplicou quando falei com uma sobrinha, que ouvindo meu relato, também me narrou uma história muito parecida. Se eu tivesse denunciado não teria acontecido com minha sobrinha. Chorei uns dias inteiros. Uma manhã parei de chorar e vi que era chegado o tempo da ação. Já havia tomado a decisão de denunciar quando um outro fato aconteceu: há duas semanas foi o casamento de uma das filhas desse homem e tive o desprazer de vê-lo entrar na igreja com minha sobrinha. Na festa, vi que ele está com outra família e que tem uma enteada adolescente. Quando vi aquela menina eu desabei novamente e logo me pus de pé. Sigo colhendo informações e procurei o auxílio de uma advogada ocupada com as causas das mulheres, sei que há um limite de anos para denunciar, do contrário o crime prescreve (outras perguntas me faço: como um crime desses prescreve? e porque?), mas vou até o fim nessa missão.

Para as amigas e colegas próximas que conto minha história nesses dias, sempre recebo como resposta às suas própria histórias e sobre seus assédios. Vejo que elas estão prontas para falar e sinto que como eu, basta que alguém as inspire, as estimule a não mais silenciar. Hoje sou segura de que não devo temer nada, que a vergonha não é minha e não calo mais. O nosso silêncio só serve a eles, é contando com nosso silêncio certo que eles seguem repetindo seus abusos e violências.

### **3.3. DIFÍCIL É SILENCIAR QUEM JÁ APRENDEU A FALAR**

Sempre me pergunto: como uma criatura nativa, campesina, proletária, que nunca havia visto teatro na vida, principia a participar de tudo onde via a possibilidade de fazer teatro? Estive em todas as montagens de teatro que aconteceram durante meus anos no ensino fundamental, na Escola Pedro Schuler, que tinha uma professora incrível, a Denise Wolkart Pinto, que era formada em artes visuais, mas que sempre abraçava nossas ideias de montar algo cênico. No ensino médio também estive em duas montagens, as duas que a ETEP - Escola Técnica Estadual de Portão, montou naquele ano. Me encantei em participar do Grupo da Igreja católica, por ver aí uma possibilidade

de fazer teatro, com a aprovação da minha família, que não conseguia compreender o que eu via e o porque aquilo me encantava tanto.

Por essa época, havia lido todos os livros da biblioteca da escola Pedro Schuller em Portão, onde estudava e passei a tomar emprestado alguns volumes da minha professora de português, a Dirce Kaiser. Como não era o suficiente, passei a frequentar a biblioteca pública da cidade e conheci outras professoras de Escolas do município, que se compadeceram de mim e passaram a me fornecer material de leitura, como a professora Anilore, da Escola 9 de Outubro. Por essa época li a primeira peça de Shakespeare, Otelo, que segue sendo a minha preferida. Desdêmona e a forma de seu feminicídio me afetaram por demais a minha formação, por uma série de fatores e o principal deles: eu vivia um momento de violência doméstica na minha própria casa.

Meu pai passou por uma fase difícil de alcoolismo, que não desmembrou a família, pela força de minha mãe que o enfrentava e apanhava, mas sempre lutava bravamente protegendo sua prole. Depois de sofrermos por 5 anos (os mais críticos), minha mãe se separou dele. Depois de um ano vivendo como indigente, meu pai resolveu assumir sua doença e procurou ajuda, tempos depois reataram o casamento e vivem juntos até hoje no maior amor do mundo. Isso não anula meu trauma. As noites que passei sem dormir, as cenas horríveis que tenho na minha memória, as vezes que vi ele espancando minha mãe ou minhas irmãs ou o meu irmão mais velho. Não esqueço do ódio que senti por ele durante anos, do desprezo por todos os homens do mundo. E o que sentia pela minha mãe, um misto de raiva e amor. Sentimentos contraditórios, mas sempre esse rancor por ela não resolver aquela situação, seguir apanhando e nos deixando passar por tanto sofrimento.

Lá em casa não se falava em feminismo, mas numa família do proletariado todo mundo tem suas responsabilidades, com uma mãe e um pai trabalhando fora, com todo mundo estudando, chega um momento, que mesmo sendo menino, tem que aprender a cozinhar sua comida e talvez a dos outros também. Mesmo assim, eu sendo a mais nova, lembro de comparar as vantagens dos garotos e querer ser do “clube” deles. Me vestia e portava como um garoto. Eu sempre gostei de rock’n roll e me vestia como na época, os anos 90 foi a era do ‘grunge’, bermuda cortada de calça jeans, camiseta preta e camisa

xadrez. E como meu irmão mais novo eu fazia tudo que gostava, jogar futebol na rua, caçador, taco, até altas horas, andar de bicicleta, skate. Aí veio a adolescência. Aquela vontade de sair berrando, de sentir-se mudando violentamente. Minha mãe e sua prole de oito filhos, dividiam as tarefas de casa. Meu pai fazia tarefas de fora da casa, como cuidar do pátio e da horta. Os guris eram poupados, mas em menor proporção que nas casas conhecidas. Com doze anos eu fazia “bicos” e com quinze já estava com a carteira assinada, numa loja de móveis, além disso, participava das duas coisas mais divertidas na cidade sem teatro e cinema: Grupo de jovens da Igreja Católica e juventude do Partido dos Trabalhadores. Durante os encontros festivos do Partido, sempre participei das ‘místicas’, momentos artísticos, de gratidão e estímulo para a luta. Nos encontros da juventude da igreja, cantávamos canções hits do momento e sucessos antigos da música brasileira. Tanto em um grupo como em outro, havia possibilidade de fazer teatro e isso era o que me encantava. Aos dezesseis anos um grupo da igreja de Sapiranga se apresentou em Portão. Desde aquele dia, durante um ano, todo domingo, eu pegava dois ônibus para ir de Portão à Sapiranga, fazer oficinas com eles. Com quinze anos tive minha primeira experiência com um grupo de teatro, fazíamos teatro de rua e anarquista e eu vinha a Porto Alegre, sem que minha família soubesse. Conheci a trupe "Deram Um Godô Em Nós" em um festival na Região do Vale Do Sinos, onde estava participando com o grupo da Pastoral da Juventude. Fiquei por um ano no "Deram....", até que fui descoberta e proibida de ir a Porto Alegre. Me sinto mal de ter mentido para minha mãe, mas eu realmente não queria repetir algumas fórmulas que eu via estampadas na minha frente. Em 96 descobri a oficina que o diretor portoalegrense João Ubiratan Vieira, o Bira, ministrava na UNISINOS, aberta à comunidade e trabalhei com ele dois anos.

Meu espírito gritava por liberdade, mas meu subconsciente estava cravado com o cimento do conservadorismo que só serve ao patriarcado. Eu que com 17 anos tinha uma vida “cultural” e “artística” fora da cidade de Portão, conheci na minha casa o meu primeiro “namorado-sério”. E desde aí passei a ter uma vida copia dos estereótipos de casais da cidade. Não falávamos sobre vida sexual em casa e eu escondia minha cartela de anticoncepcional muito bem, mas ele passou a me fazer mal e tive de contar para

minha mãe que me levou ao médico para trocar de remédio. No décimo mês de namoro, descobri que estava grávida de dois meses. O Ariel nasceu em 05 de março, lindo e forte. Peixes, profundo. Fui mãe assim, de sopetão, larguei um universo em troca de outro: ao mesmo tempo que sentia todo amor do mundo, também havia um misto de angústia, o fato de engravidar e ter um bebê jovem, me aproximava justamente da condição das minhas amigas e colegas, condição essa, que eu jamais sonhei para mim.. Ensino humano e divino carregar uma vida nas entranhas e depois cuidar com todo o amor, de maneira que venha a cuidar do mundo com esse mesmo cuidado. Desde sempre fomos nós dois os cúmplices, nós os companheiros. O pai dele já era ausente quando estava presente. Penso que se tivesse a força de hoje teria encarado a família e criado sola meu filho, como criei cinco anos depois, quando me dei por conta do que estava vivendo. O nascimento do Ariel me trouxe também um supetão de responsabilidades e com isso, tive de trabalhar dobrado. Se fosse como hoje teria curtido mais a maternidade como fiz na segunda gravidez e nos primeiros anos do Francisco. Eu era jovem demais e tinha urgência do mundo, de estar na rua, de aventuras. Naquela época e naquela cidadezinha retrógrada não havia outra possibilidade que não casar, ou morar junto. À mulher não cabia querer ou não. A mulher grávida tinha de ficar agradecida quando o homem a aceitava, isso é “senso comum”, desses que grudam e para serem limpos, há que se cruzar séculos. Quando o pai da criança decidia não “assumir” o filho e/ou o casamento, se falava um pouco daquilo e logo se esquecia. Com 19 anos eu era “dona de casa”, trabalhava fora o dia inteiro e andava 40 minutos de bicicleta ao meio dia - das 1:30h que era o tempo que eu tinha de intervalo de almoço - para amamentar meu filho, que ficava em casa com uma cuidadora.

### **3.4. O TEATRO É COMO EU GRITO**

Com 21 anos prestei meu primeiro vestibular, voltei para a Unisinos como graduanda do curso de Letras. Ia três vezes por semana para a aula, mas fazia somente duas disciplinas, a terceira noite era dedicada ao teatro e assim parei de mentir para

minha mãe e passei a mentir para meu marido, que não era assim o que podemos chamar de ‘fã de teatro’, ou do fato de “sua” mulher ser atriz. Vivi quase dois anos com um caso tórrido de amor com meu amante: o teatro.

Imagem 1 - Ardearte.



Foto: Rogério Tosca - diretor João Ubiratan Vieira (em primeiro plano) e elenco durante a conversa com o júri e público do Festival de Esquetes de NH, em 2002;

Nessa época sonhei muito com o vestibular da UFRGS para teatro. Sempre ficava na frente da TV vendo as matérias dos jornais sobre o vestibular, as pessoas correndo para não se atrasar. Eu assistia a tudo e sempre concluía pensando que não era para mim. Era para outro tipo de gente: o tipo de gente que tem dinheiro para pagar cursinho, que tem quem os sustente financeiramente enquanto cumprem as aulas diurnas; que estudou em boas escolas e teve aulas de língua estrangeira. Esse pensamento acabava comigo.

Aos 23 anos voltei para a casa de minha mãe, com meu filho, roupas, os discos e livros que me acompanhavam. Nessa época trabalhava em uma empresa grande,

coordenava oito garotas do setor de vendas. No ano do término do meu casamento houve o meu enlace definitivo com essa que agora é minha profissão. A Unisinos estava propondo uma série de ajustes porque passava dificuldades financeiras e demitiu o professor João Ubiratan Vieira- Bira, assim como vários profissionais ligados/os as artes: músicas/os da orquestra, comissão de cultura, maestro, etc. A oficina que eu participava com afinco foi cancelada. Com um esforço conjunto, convencemos o Bira a seguir dando suas aulas de teatro na Antiga Sede da Universidade que existe até hoje no centro de São Leopoldo e que na época estava com suas salas vazias. Da sala 4.0 da Antiga Sede, migramos, seis meses depois, para uma sede própria e fundamos o Grupo De Pesquisa Cênica ArdeArte e é preciso pontuar aqui nesse memorial, como essa experiência me fortaleceu nessa época. Foi numa manhã de ensaio que eu e um colega ao buscar café no boteco da esquina da Antiga Sede, vimos uma movimentação em uma das casas da rua, pessoas tiravam bancos de madeira e resolvemos perguntar se ia vagar o prédio e quanto pagavam de aluguel. Resolvemos embarcar na aventura e alugamos a casa que tinha um salão enorme para ensaios e mostras e uma estrutura incrível, compreendendo cozinha, camarim, escritório e oficina de cenotecnia e figurino.

Imagem 2 - Os Continentinos.



Foto: Cláudio Etges/ 2005/ Anfiteatro Padre Werner/Unisinos - Juçara Gaspar como Ana Terra e Tânia Franzen como Henriqueta.

Estivemos até final de 2006 vivendo o sonho de grupo e casa própria. Montamos diversos trabalhos e em muitos pude desenvolver personagens femininos protagonistas, que “quebraram as correntes”, como *Os Continentinos*, espetáculo baseado no Continente I, do Érico Veríssimo, onde eu vivia *Ana Terra*, ou em *Alcova de Sangue*, livre adaptação de *Bodas de Sangue*, do Lorca, onde interpretava *a Noiva*. Mesmo me sentindo honrada em conquistar esse papeis em meio a outras 4 atrizes, ficava frustrada por montarmos só textos de homens.

Imagem 3 - Ardearte extinto em 2007.



Foto: Alecsandro Dal'Omo para matéria que saiu no Jornal Vale Do Sinos sobre a abertura da nossa casa de teatro em São Leopoldo.

Quando completei 27 anos, conheci meu companheiro atual, Luciano Alves, músico e compositor, que havia se mudado para Porto Alegre a pouco menos de seis meses. Foi amor à primeira vista: dois meses após nos conhecermos já estávamos morando juntos. Com o ArdeArte extinto, em 2007 nos mudamos definitivamente para Porto Alegre e passei a frequentar cursos de teatro com mais adesão (eu já vinha a Porto Alegre desde 2005, assistir peças e participar de formações de atores, mas era

difícil manter uma assiduidade já que o transporte de volta para Portão, era escasso). Com uma pesquisa mais densa sobre o protagonismo feminino, passei a percorrer a ideia de documentação e escrita dessas experiências, visto que a História da Mulher no Mundo está em tempos de resgate e determinação de sua impressão definitiva na História da Humanidade, passei a frequentar o curso de teatro da UFRGS, quando contava 33 anos.

No artigo *O amor pelo teatro*, de Lucas Graeff, Robson da Silva Constante, Arlete Caye, Nielly da Silva Pastelletto, doutores do Programa de Pós graduação da UnilaSale, numa pesquisa de bens culturais e memória social, pode-se ler mais a respeito da minha biografia e de como o teatro me atravessa com amor e pulsão apaixonada. Deixo aqui uma parte do resumo do artigo:

Neste artigo, abordamos como atividades culturais e artísticas – neste caso, as teatrais – transformam as pessoas. Para dar conta dessa proposta, apresentamos uma abordagem metodológica “pluralista” (Heinich, 2006) baseada em uma *survey*, questionários após-espetáculo e entrevistas de profundidade com alunos e alunas da Universidade La Salle Brasil e com Juçara Gaspar, autora e atriz da peça “Frida Kahlo: à revolução” (...) Na narrativa de profundidade com Juçara Gaspar, por sua vez, identificamos uma narrativa organizada em uma série de eventos fortuitos levando à consolidação de sua carreira de artista. Desse ponto de vista narrativo, propomos que a paixão pelo teatro não se dá por acaso, a partir de uma única origem, mas na sequência de situações significativas. Ao mesmo tempo, essas situações significativas são fundamentais para compreendermos as razões pelas quais o teatro e outras atividades artísticas e culturais persistem.

### **3.5. DAD - DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

O DAD - Departamento de Arte Dramática, me encantou e encanta até hoje, com sua gente e seus milhares de atravessamentos.

Imagem 4 - BarraDoze



Foto: Professora Cris Werlang, durante as primeiras aulas de Atuação I, DAD/2012.

Não é a perfeição, não foi o que disse. Mas foi o mais próximo que cheguei de uma educação humanizada, com práticas e ferramentas que trabalhem/provoquem/inspirem a libertação de todas e todos. No DAD eu pude desabrochar conhecimentos e trocas e estou tendo a possibilidade de documentar um fazer teatral voltado para práticas feministas e debate de gênero, de um registro dessa pesquisa em teatro e documentação de um teatro feminista, tanto na construção de obras cênicas, quanto na possibilidade da pedagogia como prática de liberdade. Foi difícil entrar na faculdade. Fiz três vestibulares e só passei no terceiro, em 2012, quando a Dilmãe fez valer junto ao vestibular a nota do ENEM.

Foi difícil concluir o curso. Além de estar vivendo do meu trabalho de atriz, o que complica a vida acadêmica, por incluir viagens e turnês. Tinham as dificuldades financeiras e da maternidade, iniciar o curso, mãe de um garoto de 14 anos, depois ainda engravidei novamente em 2016, durante minha graduação. Decidi continuar os estudos naquele ano, já que o segundo semestre acabaria quando eu estivesse no oitavo mês,

calculei isso tudo de forma carinhosa. Porém com o DAD, sem elevadores funcionando, eu subia todos os lances de escada para ter aulas no quarto andar, além disso estava em plena montagem e estreia de um novo trabalho (que também terá um capítulo nessas escrituras, mais adiante, o Todas Nós). Eu realmente não queria trancar, pois em 2015 já havia feito isso nos dois semestres por conta de trabalho: duas turnês com o Espetáculo Frida Kahlo, à Revolução! no México, onde ficamos por 30 dias, no primeiro semestre e no Rio de Janeiro e São Paulo, no segundo semestre de 2015. Mas não tive escolha, as recomendações médicas eram sérias e definitivas, tive que me afastar com Licença Saúde (estava havendo uma dilatação prematura, por conta desses esforços). Quando o Francisco estava com três meses, voltei à Universidade e tive momentos tensos, com leite empedrado, febre e todas as complicações dos primeiros meses de maternidade, também tive que levá-lo junto em uma aula, para manter minha frequência. Mas a maior complicação que sofri nessa vida de graduanda aconteceu em 2018/1, quando me faltava basicamente o TCC e os estágios para receber o tão sonhado canudo. O espetáculo sobre Frida foi contemplado novamente em um edital, desta vez para uma turnê de 30 dias na Argentina, no segundo semestre de 2017. Na confusão de produzir uma viagem tão longa de trabalho levando um bebê de dez meses, perdi o prazo de trancamento. Não sabia dessas regras, mas há uma que pontua, que se não houver trancamento e no semestre anterior a aluna/o ter feito o equivalente menor que 13 créditos, constitui abandono e desligamento automático da Universidade. Como me informaram depois: o sistema me desligou, a máquina me desvinculou. Vivi momentos de profundo desespero, quando entrei no site para fazer minha matrícula e a mensagem que aparecia era que eu não tinha vínculo com a Universidade. Pelo telefone o responsável pelo Decordi disse de forma dura e direta que eu só poderia entrar novamente através do vestibular, quando insisti, me falou da tentativa através de processo administrativo, mas frisou que era melhor eu nem perder meu tempo. Senti mais uma vez a força excludente e o peso da misoginia, na fala do tal funcionário.

Mais uma vez ‘o sistema da universidade’ me dizia com todas as letras que aquele não era o meu lugar. A universidade é pensada para jovens saídos do Ensino Médio, com seus 18, 19 anos, “bem nascidos”, que não tenham nem a própria vida

sobre sua responsabilidade. Quero dizer com isso que recebem ajuda financeira, doméstica, etc. Magicamente suas roupas aparecem limpas e a comida nas prateleiras da geladeira. Com isso não quero julgar privilégios, quero pontuar a base de toda a estrutura universitária e para qual público ela foi pensada. Como citei no capítulo anterior denominado A Minha História das Mulheres, só nos foi permitido acessar o ensino superior nos anos setenta, o que não quer dizer que houve reformulação de regras e leis e que o sistema tenha sido pensado para nos acolher. A inclusão é fictícia e aparece em discursos e no plano teórico. Na prática a ilusória inclusão se resume para nós alunas-mães em inúmeras dificuldades e todo o tipo de humilhações, respondemos de igual para igual em presenças, trabalhos, provas, e tudo nos é cobrado igualmente. Lembro de ouvir bizarrices de toda sorte no dia que levei meu filho à aula: uma professora cinicamente perguntou se era o dia da família na escola. Outro dia quando cheguei atrasada pela terceira vez consecutiva porque todas as manhãs tinha que tirar leite e deixar armazenado para o bebê ouvi de uma professora a sentença: por isso vocês não conseguem se formar direitinho como o “fulano”. O que é se formar “direitinho”? O fulano se forma direitinho porque todo o mundo foi construído e pensado para ele que é burguês, branco, cis. O período estabelecido para as licenças paternidade e maternidade deixa claro “quem deve cuidar da criança” nos primeiros meses de vida, portanto são ainda as mulheres as mais prejudicadas quando o assunto é gerir tempo entre vida profissional, educacional e familiar, quero dizer com isso que eles vão continuar se formando direitinho, enquanto muitas de nós abandonam o curso por cansaço extremo de lutar sozinha, falta de políticas de inclusão e sistemas criados para uma época onde as mulheres “não existiam”.

Pois entrei com o processo, acionei todas/os minhas professoras/es, sei que no DAD as pessoas se importam, sempre tive respaldo para minhas questões assim como também sempre estendi a mão e deixei a disposição o ouvido, para todas/os colegas que me procuraram com problemas. O Decordi negou meu pedido. Re-elaborei com o auxílio dos profissionais do Núcleo Acadêmico e a presteza do professor Chico Machado, na época coordenador da Congrad. Anexamos ao processo uma carta de próprio punho, onde discorro sobre minha vida dentro da UFRGS, sobre as políticas de

inclusão e seu alcance que difere do papel para o real. Enviamos dessa vez ao CEPE, o processo com essa carta anexada e outros anexos como: material de consagração do espetáculo, matéria dos jornais argentinos, folders e programas dos festivais por onde passamos, para comprovar o meu trabalho assíduo no teatro e o porquê de me ausentar. Finalizei a carta com o seguinte parágrafo:

Agora só me resta torcer para que as pessoas que leiam isso tenham empatia pelo que estou passando como aluna mãe e mulher. Que pessoas leiam o meu caso, e não uma máquina que me coloque para escanteio. Que a UFRGS cuide de seus alunos de forma a não os prejudicar, compreendendo que as leis não contemplam esses casos, tendo a tolerância e a compreensão apregoados em seu PDI e nas suas políticas inclusivas expressas pelo PAG e pelas Ações Afirmativas - CAF. Estamos em uma época que as mulheres atuam nos meios acadêmicos. São outros tempos e creio que precisamos renovar as regras!

A resposta positiva veio somente na metade do semestre o que me impossibilitou de fazer o Estágio I e conseqüentemente o II, já que o primeiro é pré-requisito para o segundo. Estava de volta porém minha vida na academia uma vez mais se estenderia. Demorou pacas e cá estou, à um passo da eternidade.

O DAD também me possibilitou conhecer professoras e professores maravilhosas/os que trabalham no teatro e na docência e não perderam a fé, como a professora Inês Marocco, de quem fui aluna durante a graduação nas disciplinas: Fundamentos da Dramaturgia do Encenador e Dramaturgia do Encenador. Fui atriz e pesquisadora do grupo de pesquisa que a Inês idealizou em 2013, tendo duas montagens sob sua orientação ou colaboração artística: Santo Qorpo Ou O Louco Da Província/2014 e Miscelânea Quriosa/2018, ambas sobre o universo absurdo e poético do dramaturgo gaúcho Qorpo Santo. Agora sou orientanda da Inês, ela que quase não orienta mais tcc's, foi pega de surpresa por mim e acabou aceitando. A simples presença dela já me enche de coragem.

## 4. A CIA DRAMÁTICA

A Cia. Dramática nasceu junto com a primeira montagem “Frida Kahlo, à Revolução!”, em 2009 e trabalha sobre os temas: a mulher e a memória, protagonismo feminino e identidades nativas do nosso continente. A interlocução entre os saberes artísticos de cada membro fundador: Juçara Gaspar, teatro - Lara Coletti, cenografia - Luciano Alves, música - é uma das fortes características desse primeiro espetáculo. A Cia dedica-se ao teatro e a pesquisa da memória feminina, além é claro de intercambiar experiências e parcerias e apoiar iniciativas criativas, em qualquer uma das áreas citadas acima.

O espetáculo *Frida Kahlo, À Revolução!* contabiliza além das circulações, temporadas e apresentações no RS, em SP e RJ, uma imersão no México com três apresentações em 2015 e uma turnê na argentina em outubro de 2017, com sete sessões da obra, em cinco diferentes províncias. Mulheragem, segundo projeto da Cia, foi gestado desde 2012 como uma rede colaborativa entre artistas, primeiro com mulheres da música e depois se estendendo ao teatro, finalmente estreando em março de 2017, como espetáculo. Bem por essa época, iniciamos as pesquisas do terceiro projeto “Todas Nós” - a partir de um convite da atriz Iassanã Martins para compor sua pesquisa de mestrado, surgiu este trabalho sobre os temas: teatro e intimidade, violência contra a mulher, violência doméstica. Essas são as três peças de nosso repertório: Frida Kahlo, à Revolução! - 2009; Mulheragem - 2017; Todas Nós - 2018.

### 4.1. FRIDA KAHLO, À REVOLUÇÃO!

“Expressar é começar a libertar-se.”

Frida Kahlo

Em 2007 fiz um curso de extensão do DAD- UFRGS, com a professora Ana Cecília Reckziegel - Corpo, Voz e Ação. Preparando uma apresentação de final de curso, assisti ao filme “Frida” , de Julie Taymor, com Salma Hayek. Achei hollywoodiano demais, mas também achei deslumbrante. Procurei por algo mais “B” e encontrei um filme de 84, do diretor Paul Leduc, com Ofélia Medina (grande atriz

mexicana). Foi paixão avassaladora. Apresentei a partitura corporal e escrevi um texto de vinte minutos, que apresentei em dezembro de 2008, no I Festival de Esquetes de São Leopoldo. Recebemos três indicações: Atriz e figurino: Juçara e Catu Gaspar, Cenografia: Lara Coletti. Ganhamos o prêmio do Júri Popular.

Em 2009 fomos contemplados com o Novas Caras, da Coordenação de Artes Cênicas de Porto Alegre e estreamos no Túlio Piva em setembro. São dez anos desse mergulhar e junto com a Frida veio uma constelação de mulheres, pintoras, fotógrafas, artistas. Descobri Violeta Parra, sua poesia, sua biografia empoderadora, primeira artista latina a expor na Europa, criadora de uma obra dantesca em diversas linguagens literatura, música, artes plásticas. Através da Frida vieram Chavela Vargas, Lila Downs, Jacqueline Lamba, Tina Modotti e todo tipo de poderosas. Antes de mulheres como essas, nós só entrávamos em Museus como musas, normalmente nuas, pela visão da mente brilhante do pintor. A Frida, assim como a Claudel, como a Parra, a Tarsila, estão para ser descobertas, e outras milhares, biografias que começam a ser visitadas, revisitadas, contando sobre nós, aumentamos a mandala da memória que nos foi subtraída.

Mulher revolucionária na sua aldeia, Frida fez o México ser conhecido no mundo todo e o vilarejo onde nasceu, Coyoacán, está em roteiros turísticos com status de pop. Lutou por um mundo mais humano e era congregadora, sempre andava em grupo. Assim era como mulher, cidadã. Assim também é sua obra: não tem precedentes no mundo. De forma impactante e profunda, pinta o universo feminino: abortos, amamentação, partos, com o sangue elemento proscrito da “arte” mas tão comum para as mulheres todo mês. Numa representação do preconceito de gênero, de sua bissexualidade, pinta um “Veado Ferido”; após ler uma notícia no jornal de mais um crime passional, onde um homem mata sua companheira com dezessete facadas e diz que apenas lhe deu “unos piquetitos”, pinta Unos Cuantos Piquetitos. Em As Duas Fridas, mostra a ambiguidade feminina da herdeira dos costumes tradicionais, patriarcais e “civilizados” de mãos dadas com a herdeira das “tehuanas”, as líderes de “pueblos” matriarcais do sul Mexicano. No quadro “O que A Água Me Deu”, pinta duas mulheres nuas, abraçadas. Frida Kahlo, à Revolução! é um espetáculo sobre a essência

da mulher que construiu, em sua própria aldeia, vários estímulos para a transformação do status-quo dominante, empoderando comadres, sendo o espelho da outra, uma força na representatividade da mulher. Esse dar-se ao mundo, a cadência da revolução pessoal que abala estruturas retrógradadas; uma força-foguete que transcende as limitações físicas.

Imagem 6 - Cenas a partir de quadros.



Foto: Amanda Gatti - temporada Theatro São Pedro/ 2018.

O espetáculo começou com uma performance para uma oficina de formação de teatro, primeira que fiz em Porto Alegre, no DAD - UFRGS, orientada pela professora Ana Cecília Reckziegel. A oficina CVA - Corpo, Voz e Ação era aberta à comunidade e apresentei uma partitura bem simples no encerramento. Seguir lendo sobre a Frida e investigando sua obra resultou em 2008 em um esquete de 20 minutos, que se chamava “Frida”, na primeira participação em um festival, no 1º Festival de Esquetes de São Leopoldo no Teatro Municipal, recebeu o prêmio de melhor esquete segundo o júri popular. Na época já tinha comigo o músico Luciano Alves e a cenógrafa e artista plástica Lara Coletti. A estréia como Frida Kahlo, à Revolução! foi em outubro de 2009, no Teatro de Câmara Túlio Piva em Porto Alegre.

O texto é uma reunião de escritos, correspondência da própria Frida, com adaptação minha. Fui transformando a peça conforme fui buscando informações sobre ela. Há fatos, porém, definitivos: a dramaturgia não teria sido essa se eu não tivesse contato com um livro: *Re-leituras de Frida Kahlo, por uma ética da estética machucada* (Ed. Unisc, 2008). A organizadora do livro é Edla Eggert, professora da Unisinos, pesquisadora do universo de Frida Kahlo e que assina um dos capítulos: *A apatia de quem olha: a violência naturalizada*. Ela analisou a obra *Unos Cuantos Piquetitos* onde discorre sobre a violência contra as mulheres e sua naturalização. Foi pura inspiração. Através das escritoras e escritores, pesquisadoras/es que escreveram o livro, comecei a trabalhar também na dramaturgia e na criação de atriz, tendo as obras artísticas como inspiração estética e argumentativa do roteiro e das cenas. Alguns exemplos: do quadro “Unos cuantos piquetitos” surgiu a cena do pincel de sangue; Do quadro “Aborto”, surge a cena na qual Frida perde seu primeiro bebê. Eu e Colin buscamos a mesma posição central do quadro e a mulher de rosto coberto que Frida pinta dando à luz a uma fridinha morta; O quadro “O marxismo dará saúde aos enfermos”, inspirou a cena de ascensão de Frida com o colete, já na parte final da peça. Como atriz, foi imprescindível ter criado a dramaturgia também, a liberdade de trabalhar, mudar, transformar e voltar é linda e cheia de responsabilidade. Também creio ser esse um dos pontos fortes de uma prática que oxigena o fazer teatral - isso aliada a uma pesquisa que nunca esgota. Quando comecei eram poucas as publicações sobre a Frida, hoje os tempos são outros. Os estudos sobre ela não se restringem ao campo das artes, expandem-se: biografias romanceadas, livro de receitas, diário íntimo, cartas apaixonadas, estudos de medicina, crítica de arte, etc. Sigo me alimentando de todas essas referências, elas aquecem meu motor. Em 2013 propus ao diretor Daniel Colin (que passou a integrar o trabalho em 2009), que tirássemos duas cenas-lembranças (duas pequenas cenas que eram lapsos da memória da Frida), eu não estava à vontade com a forma que havíamos criado elas, já não soava verdadeiro para mim.. Ele topou, re-ensaiamos e passamos a apresentar sem as cenas-flashes. Em 2015, depois da viagem ao México, propus de trazer ambas as cenas de novo, com outra poesia e sonoridade, as cenas ficaram mais contestadoras e divertidas, mas ao modo

Frida de ser. Externando seus pensamentos e sentimentos em cartas, da mesma forma que pintava, traz todo drama e densidade dessa pintora à tona. Combinadas correspondência, obra e biografia, tá pronto o feitiço. Fui criando o texto, conforme fui sabendo dela, de biografias, correspondência, conversas, filmes, imagens reais da pintora, fotos e seu famoso diário. Também tem impresso o apego ao ativismo, ao ser agente na luta do povo - comungo dessa ganas de justiça. Muito do que penso está em comunhão com a mulher inspiradora da pesquisa, a Frida cidadã, ativista e artista. Além de parafrasear explicitamente ideias da Desobediência Civil, do pensador Henry David Thoreau, no texto do espetáculo.

A experiência de levar o espetáculo para fora dos palcos tradicionais do Teatro, sempre foi uma ideia do grupo, dá um sopro de Frida por todos os lugares possíveis, assim, além do espetáculo preservando o mistério que existe no teatro tradicional - a aura que se instala num espaço próprio para o ritual - foi criado também um show de uma hora de duração que conta através das músicas da trilha do espetáculo e outras do imaginário fridesco, um pouco da história da artista, de forma contagiante e divertida, como é a atmosfera de uma festa, ou de um bar. Já na primeira crítica, escrita pelo jornalista Ricardo Zanella, conseguimos ter a ideia de que conseguimos um pouco do que queríamos durante a gestação do espetáculo, assim traduzido pelo jornalista:

Toda a força, a preocupação e a ironia, nos são mostradas de maneira cuidadosa e sensível nesse texto de Juçara Gaspar amarrado brilhantemente pelo diretor Daniel Colin, tecendo um itinerário pelo mundo estonteante e visceral de Frida e nos embriagando com sua revolta existencial. (...) Se uma peça me leva a questionar, ela me leva no lugar que quero estar. E se me tira dali daquela cadeira e me coloca como a pessoa que presencia a história está onde eu quero. Conseguir sair desse lugar e ver apenas pelo simples prazer de ver. A trilha sonora que é executada no palco por Luciano Alves nos dá proporção exata de que aquilo está ali vivo, palpitante e fazendo com que presenciemos tudo de novo. E nesses momentos podemos ser qualquer um deles Frida, Diego, papi, sendo o sofrimento dos filhos que não teve, latino americanos, socialista, anarquistas, ou sendo o mundo capitalista que nos consome na próxima esquina.

Resistir às impossibilidades e explorar as possibilidades do corpo, da sociedade, das artes, da vida, esse foi seu lema e essa é a vontade para muitos que querem se

libertar das várias colonizações que os habitam. Até mesmo, da própria imagem de Kahlo, que de alguma forma, já chega a certa estafa com a utilização indiscriminada de si e de seu tema em itens de consumo, como o ocorrido com seu colega argentino, o Che, também revolucionário que se tornou grife e estampas de moda. O excesso e o desvio para o prazer estético não irão conseguir apagar de nossa história o valor de sua contribuição. O diretor do espetáculo, Daniel Colin, conta que no início pensou em recusar o trabalho, pois não se identificava muito com encenações de biografias. “Enquanto Juçara me fazia o convite, eu folheava um livro sobre a vida da Frida e descobri que ela havia nascido no mesmo dia que eu, em 6 de julho. Olhei aquilo e pensei: ‘isso só pode ser um sinal’. E aceitei a proposta imediatamente! Hoje, depois de quase nove anos, percebo que realmente era um sinal!”!, diz Colin, em entrevista para a revista Beta Redação, publicação on line dos curso de jornalismo da Unisinos, em junho de 2018. Para Colin, na peça sobre Frida não se aplica a antiga tradição do teatro de que, quando um espetáculo estreia, ele está pronto e não precisa mais ser modificado. “Aprendi logo cedo que o Frida Kahlo, à Revolução! necessitava de uma reestruturação orgânica a cada virada de ciclo, como se a peça necessitasse amadurecer em consonância com o nosso amadurecimento pessoal, individual e profissional dentro da equipe”. Complementando o diretor, incluo o nosso crescimento de forma a compreender tudo o que Frida significa para o movimento de emancipação das mulheres e como fomos nos dando conta disso durante o processo e através de depoimentos escritos em nossas páginas, ou ao vivo, após cada apresentação, onde se cria tradicionalmente uma fila enorme de pessoas querendo uma foto comigo montada de Frida, para levar de recordação do que para elas é uma noite onde eu disse “tudo que elas queriam dizer há muito tempo”.

Imagem 7 - Daniel Colin, diretor



Foto: Lucca Curtolo - ensaio temporada Teatro Renascença - agosto de 2016.

Na segunda crítica publicada em seu blog, Rodrigo Monteiro, responsável por registrar impressões e documentar o teatro por onde passa, fez uma reflexão certa sobre o título da obra:

“Frida Kahlo, à revolução” é um título com dois sentidos: um lido, outro falado. O primeiro nos dá a ver a crase e, antes, o vocativo. “Frida Kahlo” é um chamamento. Convocamos Kahlo a ir para a revolução, para que ela vá à revolução. O segundo, que dispensa a escrita, usa a segunda parte da frase como aposto. É como se “a revolução” (sem o sinal somente gráfico e não sonoro que é a crase) fosse uma explicação de “Frida Kahlo”, a primeira parte da frase. “Frida Kahlo” é “a revolução”. Sendo um monólogo em que vemos, ouvimos e sentimos a história de uma única personagem ser contada, nossa identificação se dá focadamente. Frida conduz a história, a sua própria história e, vendo, ela vê por nós. Somos a revolução e nos convidamos para tal. Daí a sensação de humanidade que o grupo conseguiu fazer despertar em mim, eu que, felizmente até hoje, não cheguei perto de vivenciar sofrimentos tão brutais como sabemos que a pintora teve.

Uma das tantas aventuras desses dez anos de investigação sobre a pintora mexicana Frida Kahlo, foi em 2015, quando eu e o músico Luciano Alves fomos ao

México, para pesquisar e fazer apresentações. A viagem durou um mês e teve financiamento do MinC, através da Economia Criativa, Conexão Cultura Brasil - intercâmbios. Havíamos nos apresentado no Museo Nacional de Arte e aproveitamos para ir até o Museo Frida Kahlo, com o figurino e um avental guatemalteco lindo que me regalou uma brasileira lá. Fomos barrados na entrada da Casa Azul. Pois não me deixaram entrar caracterizada e eu respondi: - pois daqui dessa entrada eu não saio! - fiquei magoada e depois triste. Em poucos minutos um aglomerado de turistas, adorando ver uma Frida chorando na entrada da Casa Azul, começou a fazer selfies e retratos. A confusão foi tanta que o guardinha chegou do meu lado, levantou meu queixo e largou a frase que adicionei à dramaturgia posteriormente - Frida, siempre con la cabeza erguida! Como os turistas foram trancando a entrada, ninguém mais passava. Resolveram me deixar entrar, mas eu teria que ficar só no café. Não poderia acessar o jardim ou a Casa e estava proibida de fazer fotos, enquanto isso, falariam com a supervisora. (detalhe importantíssimo: antes de sair do Brasil enviei alguns e-mails, documentando nossa pesquisa e solicitando uma visita artística e nunca fui respondida).

No café fomos interpelados por turistas da Índia, Irã, Colômbia, Bolívia, Brasil, Costa Rica entre tantos outros lugares e lonjuras. Papos longos, curtos, pessoas apaixonantes, pesquisadoras/es da Frida de todos os lugares, entre dezenas de fotos, com os que passavam, muitos pedidos somente através de gestos, já que não dominamos aqueles idiomas todos que desfilavam por ali. Sim, primeiro pensei em obedecer àquela regra de não fazer fotos, mas depois pensei que a Frida adorava as coisas "proibidas"! Ficamos lá por quatro horas e ninguém do Museo apareceu para falar conosco e nenhum sinal da diretora/supervisora. Um dos últimos desejos de Frida foi que sua Casa Azul fosse uma casa que acolhesse o povo, porém hoje, a tarquilla (ingresso) do Museo Frida Kahlo é a mais cara de todos os Museus da CDMX - Cidade do México- e há uma frieza no trato com o público próprios de uma grande corporação.

Imagem 8 - Para Percorrer Frida Kahlo



Foto: Luciano Alves - Museo Frida Kahlo, Coyoacán, CDMX, 2014.

No centrinho de Coyoacán (que significa Tierra de los coyotes) - bairro da região central da Cidade do México - o tratamento foi diferente. Pude constatar que o povo ali sente orgulho dela, ou pelo menos um carinho dessa filha que traz gente do mundo todo para aquela aldeia. O guarda de trânsito solicitou que os carros parassem para que eu passasse, foi divertido! Do carro, as pessoas faziam fotos e buzonavam, um "te quiero Frida" foi ouvido no meio daquela alegria e os afetos não pararam: o dono do restaurante de tacos onde lanchamos não quis nos cobrar, dizendo que era um honra ter a gente lá. O título do projeto premiado é *Para Percorrer Frida Kahlo* e essa imersão

seguida à risca num calendário que compus com locais a ir e custos, mudou para sempre a nossa história, enquanto artistas e enquanto obra cênica, houve adaptações na trilha, na dramaturgia e no figurino.

No retorno à Porto Alegre passamos a fazer temporadas independentes de aniversário, sempre em outubro e junto com a cenógrafa Lara Coletti, idealizamos a oficina *Mulher, Protagonismo e Memória*, como forma de contrapartida do Edital Federal, que nos levou ao México. Também criamos um show, com canções da peça e algumas outras da pesquisa musical feita desde 2009, com Luciano. Passamos a apresentar o show *Los Cachuchas - Canções para Frida*, nas ocupações das escolas em 2015 e manifestações pró-democracia, estivemos com esse show em quase todos os shows contra o Golpe em 2016. Essa é outra prática de como o fomento a arte e cultura, podem criar subterfúgios tanto para o sustento da/o artista, como para multiplicar ações artístico-sociais. A premiação neste importante edital nacional inspirou a criação de uma oficina para mulheres (que já percorreu o Estado, comunidades, associações e agrupamentos de mulheres em situação de violência).

Em 2017 na sua coluna quinzenal História e Dramaturgia, do Jornal do Comércio do dia 17 de fevereiro de 2017, Antonio Hohlfeldt escreveu:

Frida Kahlo, à Revolução é o mais autoral deles. Trata-se de um projeto de dramaturgia e de interpretação de Juçara Gaspar que aborda a figura da pintora e militante comunista mexicana Frida Kahlo, em algum momento companheira do pintor Diego Rivera e que albergou em sua casa, inclusive, a Leon Trotski, quando este fugiu (infrutiferamente, como se sabe) da perseguição de Stalin. A seleção de enfoques que Juçara Gaspar apresenta destaca a personalidade individual de Frida, que inclui, evidentemente, sua relação com Diego, mas olvida aquela com Trotski; salienta a perspectiva da artista, mas, sobretudo, preocupa-se em situá-la enquanto uma artista revolucionária, que faz da arte um modo de militância. O espetáculo, por sua relativa brevidade (uma hora) e por ser um trabalho solo, evidentemente é sintético. Por vezes, em demasia. Quem conheça a biografia de artista poderá seguir as referências. No entanto, quem a desconheça, terá dificuldades em entender muitas dessas referências. O que garante o interesse do trabalho, enquanto espetáculo cênico, é a opção, provavelmente do diretor Daniel Colin, pela trilha sonora enquanto fio condutor da narrativa. Assim, Luciano Alves, o músico que se coloca ao vivo e interfere continuamente no espetáculo, acaba repartindo, com a atriz, a atenção do público. Embora o espetáculo tenha tido lotações esgotadas e chegasse a ter uma

sessão extra, confesso que esperava mais do trabalho. O que é, de fato, excelente, é a interpretação da atriz. Juçara Gaspar tem o tipo físico ideal para a personagem, que encarna com absoluta convicção. Tem presença cênica, ótima voz e sabe ocupar a cena como poucas atrizes. O espetáculo vale por todo este conjunto.

Imagem 9 - Argentina



Recorte da Zero Hora de outubro de 2017.

Em outubro de 2017 fomos à Argentina durante 22 dias com o espetáculo, através do *Edital Internacional de Teatro 2017/2018*, estivemos em Rosário, Posadas (duas apresentações), Buenos Aires, Roque Perez, Resistencia, Corrientes. Em todas as apresentações puxamos o “fora-Temer” e tivemos como resposta um “fora-Macri!” Nesse cenário de golpe contra os direitos, de um governo entreguista e perverso, de postura racista e misógina, além de assassino de povos indígenas e de bens naturais, onde o obscurantismo avança, o conteúdo de *Frida Kahlo, à revolução!* segue com plateias lotadas e comovidas, com discurso anti-imperialista, feminista e de protagonismo artístico. Enquanto assusta os que se assumem conservadores/as, estimula e aproxima feministas, estudiosas e agentes da liberdade. Esse ano, como tem sido a dez anos, fizemos diversas apresentações, contando nossa já tradicional temporada no

Theatro São Pedro, na programação do Porto Verão Alegre 2019<sup>4</sup>. Canoas, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Bagé, Santa Maria.

Imagem 10 - Frida Kahlo, à Revolução! no Theatro São Pedro.



Foto: Amanda Gatti - temporada no Porto Verão Alegre/ 2019.

O texto é muito atual e os discursos políticos da Frida, são um grito de liberdade nesses tempos hostis e incertos, além do que o espetáculo foi fundamental para todo o trabalho que se desenvolveu após sua estreia. Sinto que a Frida abriu diversas portas e janelas e construiu diversas pontes. Não sei o que eu seria agora, sem esse encontro artístico e político com ela. Conheci uma constelação de mulheres artistas através de suas ligações, assim surgiu em mim essa necessidade de também tramar encontros e mais fruição na rede. Que a santa Frida da coluna partida, a poderosa chicua de

---

<sup>4</sup> O Porto Verão Alegre está se preparando para a 21ª edição. Festival produzido pela Mezanino e Mais Além Produções, reúne espetáculos numa mostra que acontece entre janeiro e fevereiro, nos teatros e salas de Porto Alegre/RS.

Mexicalpan de las tunas, a princesa tehuana, a pintora, a mulher, a veada ferida, siga nos inspirando.

#### 4.2. MULHERAGEM

“Sete atrizes entram em cena para continuar a marcha.  
Nosso recato é o palco.  
Nosso lar é a arte.  
Nossa beleza é a luta.” Mirna Spritzer

Imagem 11 - Mulheragem 2019



Crédito: Adriana Marchiori da apresentação do dia 08 de março de 2019, no Sesc/Canoas

Espetáculo teatral composto por seis cenas curtas. Solos femininos. Escrita feminina. São mulheres ícones, anônimas, eu, você. Mulheres que agem. Mulheragem é uma mandala de mulheres. Uma reunião de sete atrizes que juntaram seus projetos de pesquisa num desfile de misses às avessas, onde o mote é o pensamento. A memória, essa colcha de retalhos imensa, mentes e pensamentos, arte e vanguarda, que mudaram o mundo todo, em solos: Negrinha!, Camille no Exílio, Danke, Volver A Violeta, Todas Nós e Madalena Alba.

Tudo começou lá em 2013 quando resolvi produzir um show onde minhas amigas cantoras, compositoras pudessem mostrar seus trabalhos. Estreou na Casa de Teatro<sup>5</sup> em março e depois aconteceram mais 3 edições incluindo duas em parceria com artistas da Argentina. Cíntia Rodrigues (que está lançando seu trabalho solo agora em 2019, no álbum A Sua Cor), Elisa Meneghetti, Mari Martinez, Duda Rocha, Simone Schuster, Maria Otilia (Mary O. and the Pink Flamingos), Kika Simone, Alejandra Estepa (Argentina), Myla Hardie (EUA), foram algumas das compositoras e guitarristas que compuseram a programação, todas seguem trabalhando e registrando.

Imagem 12 - Mulheragem: mulheres e música



Foto: Gi Paim - primeira edição, em março de 2013.

A reunião de artistas de teatro só veio acontecer em 2017. Durante a minha segunda gravidez, idealizei um trabalho que respeitasse a minha condição. Que me permitisse ensaiar e criar sozinha, em casa, enquanto amamentava, trocava fraldas, etc. Ao mesmo tempo, não queria que fosse um trabalho de criação de cena tão solitária

---

<sup>5</sup> A Casa de Teatro hoje é situada na Cristóvão Colombo e se dedica a formação de atrizes e atores. Antigamente era na Rua Garibaldi, espaço onde hoje funciona o atual Bertoldo Espaço Multicultural.

como foi da Frida, queria que fosse com muitas mulheres. Em fevereiro recebi o convite para pensar algo para a Semana da Mulher do Teatro de Arena<sup>6</sup>, através do seu diretor, Clóvis Rocha. Liguei para meia dúzia de amigas, artistas incríveis com pesquisas sobre teatro e gênero, protagonismo e resistência feminina. Ensaíamos separadas cada uma a sua cena. Muitas delas tinham pesquisas engavetadas, ou já haviam sido apresentadas mas estavam há muito tempo sem movimento. Nos reunimos então por três vezes e em coletivo fizemos as ligações e amarrações entre as cenas, eu, Daniele Zill, Iassanã Martins, Juliana Kersting, Juliana Wolkmer, Silvana Rodrigues e Catharina Conte, cada uma trouxe uma cena diferente, de 10 e/ou 15 minutos e a estreia teve casa cheia, dentro da Semana Da Mulher do Teatro de Arena de Porto Alegre, no dia 9 de março de 2017. Depois disso seguimos apresentando através do Sesc em Gravataí e Canoas. Estivemos na programação do Porto Verão Alegre de 2019, na Virada Sustentável<sup>7</sup>, no dia 6 de abril, no eixo sobre liberdade e identidade de gênero que aconteceu na Casa de Cultura Mário Quintana<sup>8</sup>. Também estivemos na Noite dos Museus, em 18 de maio, com quatro cenas distribuídas em dois museus: duas no Margs (Museu de Arte do Rio Grande Do Sul) e duas na Pinacoteca Ruben Berta (R. Duque de Caxias, 973).

Cada edição traz novas configurações, novas estreias, porque as artistas trazem diferentes experimentações, motivo principal para o espetáculo estar sempre pulsante, com a entrada de novas cenas, tudo tem que ser reformulado, novas sequências, novas costuras, etc. Cada edição é uma grande revelação para todas nós. No final de 2018, Catharina Conte foi morar em Londres e Silvana Rodrigues foi para Portugal, convidamos então Manuela Miranda, que tem um trabalho potente de performance anti-racista e pesquisa em teatro negro. Em 2019 algumas artistas trouxeram outras pesquisas e atualmente estamos assim:

---

<sup>6</sup> A Semana Da Mulher do Teatro de Arena (localizado na escadaria da Av Borges de Medeiros), acontece na primeira semana de março. Nossa apresentação foi no dia 09 de março de 2017.

<sup>7</sup> A Virada Sustentável é um movimento de mobilização para a sustentabilidade que organiza o maior festival sobre o tema no Brasil. Começou em 2011 em São Paulo e já realizou edições nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Manaus, entre outras.

<sup>8</sup> A Casa de Cultura Mário Quintana é um espaço cultural público, criado em homenagem ao poeta Mário Quintana, está localizada no Centro Histórico de POA/RS.

Imagem 13 - Mulheragem teatro e performance



Foto: Adriana Marchiori - camarim do Ses - Gravataí / março de 2017.

JUÇARA GASPAR com VOLVER A VIOLETA - É um solo de teatro e poesia, sobre a vida e obra dessa mulher-furacão, nascida Violeta del Carmen Parra Sandoval, chamada Violeta de Mayo! A dramaturgia é original e baseada na biografia e na sua autobiografia em versos, *As Décimas*. A cena curta tem 12 minutos e o público é transportado para o momento inicial de um show, um dos tantos encontros musicais informais em lonjuras chilenas, vividos por Violeta enquanto investigava as "canções esquecidas" do folclore do seu povo.

Imagem 14 - Volver A Violeta

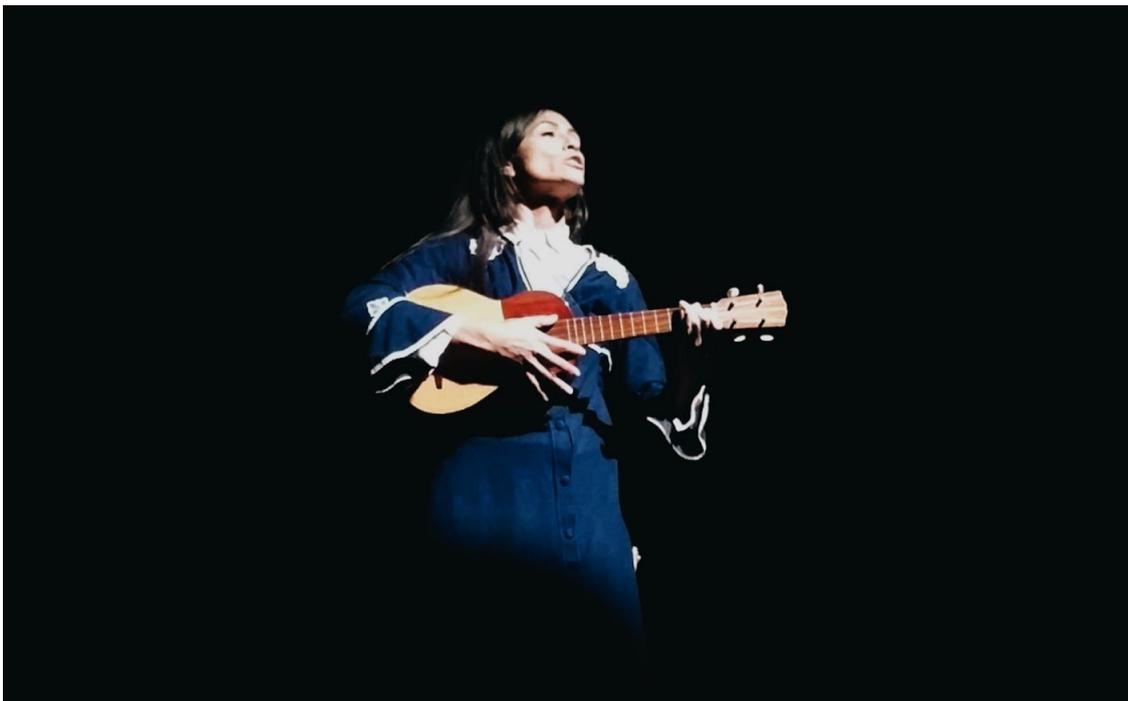


Foto: Luisa Padilha, temporada Mulheragem Teatro Bruno Kiefer - abril - Virada Sustentável Poa/2019

JULIANA KERSTING com *NO TE PONGAS FLAMENCA - ou por que ainda temos que brigar* a atriz/ pesquisadora Juliana Kersting apresenta parte de seu trabalho desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS, sob a orientação de Patricia Fagundes. Sua proposta é criar um espetáculo de teatro feminista, articulando a corporeidade e ritmos da dança flamenca com narrativas autobiográficas. O corpo feminino, objeto, assediado, clandestino, vulnerável e rebelde, como corpo da cena, em diálogo com discursos críticos decolonias, reconhecendo suas rupturas epistemológicas na busca de decolonizar nossas subjetividades.

MANUELA MIRANDA com *SILENCIOSA LUZ* - Nesta performance documental e ficcional, a atriz compartilha seus questionamentos sobre o silenciamento das mulheres negras, tendo como figura central da investigação a sua avó paterna. É uma provocação visual, teórica, biográfica e ficcional sobre algumas das pautas das mulheres negras dentro do feminismo.

SILVANA RODRIGUES com NEGRINHA! - Aqui nada é extraordinário ou espetacular. É mais um dia como os outros, em que se passa apressadamente pelas evidências de que rapadura é doce, mas não é mole. É colocar-se conscientemente na margem, no lugar fora e sem importância, a servir, de maneira doce, doce, doce e sem pressa. Comam: é doce!

IASSANÃ MARTINS com TODAS NÓS! - A violência nossa de todo dia. Violência contra mulheres. Violência escancarada, velada, pequena, imensa, violência que está no cimento de nossa ordem social e precisa ser denunciada, percebida, combatida. Mulheres agredidas de tantas formas, que inventam modos de re-existir. A dramaturgia do espetáculo é construída a partir de histórias reais das atrizes e de outras mulheres vítimas de violência. Gostaríamos de falar da história de cada uma, mas são muitas, milhares. Este espetáculo é para todas as mulheres, as do passado, as de agora e as que ainda estão por vir. *Todas Nós!* Um enlevo, um acalanto, vida que pulsa, mulheres que criam, que movem o mundo.

DANIELE ZILL com MADALENA ALBA - Performance dançada que surge como resultado da pesquisa realizada pela autora junto ao Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFRGS a respeito do gesto flamenco. A investigação se deu através de experimentos cênicos e vivências. A performance está dividida em três partes, porém ininterruptas: memória, silêncio (no hay banda) e realidade. Humor, dança e performance se misturam para transcender o silêncio vivido historicamente pelas mulheres.

JULIANA WOLKMER com ABUELAS - Uma mulher não carrega só a si, o seu corpo é carregado de ancestralidade. Quando uma mulher conta a sua história, ela conta também a da sua mãe, a das suas avós e de todas as outras mulheres que caminham com ela. ABUELAS é um trabalho autoral da atriz e pesquisadora Juliana Wolkmer, inspirado nas memórias sobre suas avós, mulheres comuns que guardam histórias extraordinárias e repletas de ensinamentos, como tantas outras avós.

### 4.3. TODAS NÓS

No início de 2016 recebi o convite da atriz e na época mestranda em artes cênicas pelo PPGAC da UFRGS, Iassanã Martins, para integrar a parte prática de sua pesquisa: uma construção cênica que tinha como temáticas e referências: a violência doméstica, violência contra a mulher, teatro íntimo, platéias de até 30 pessoas, texto em primeira pessoa,. Em nosso material para a imprensa, eu e Iassanã enviamos o seguinte texto, que cremos atesta um pouco do que produzimos, em termos de diálogo e memória.

Peça sobre abusos a mulheres alterna memórias e desabafos: a violência nossa de todo dia. Violência contra mulheres. Violência escancarada, velada, pequena, imensa, violência que está no cimento de nossa ordem social e precisa ser denunciada, percebida, combatida. Mulheres agredidas de tantas formas, que inventam modos de re-existir. A dramaturgia do espetáculo é construída a partir de histórias reais das atrizes e de outras mulheres vítimas de violência. Gostaríamos de falar da história de cada uma, mas são muitas, milhares. Este espetáculo é para todas as mulheres, as do passado, as de agora e as que ainda estão por vir. Todas Nós! Um enlevo, um acalanto, uma arena em formato de útero cheio. Vida que pulsa, mulheres que criam, que movem o mundo.

A vontade de trabalhar em meu TCC as temáticas femininas e pautas feministas, já estava latente e receber esse convite para um trabalho que permeia também estes caminhos foi um presente, um enlevo. A Terra é um útero. Fez-se a luz. A cena feminina como discurso político. Lutar como mulher. Atuar como mulher. Escrever como uma mulher. Dirigir como uma mulher. Começamos em fevereiro. Iassanã propôs coletarmos histórias e fomos as duas naquele verão escaldante de Porto Alegre, fazer as entrevistas na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher. A espera. O sentir-se intrusa, o ouvir. Tantos rostos, tantas lutas, dor. A insanidade humana é atroz e já era março.

Dia oito de abril, primeiro encontro na Usina do Gasômetro, com a Vitória Monteiro, que nos auxiliou nesse início como preparadora de elenco, propondo jogos e improvisações. Nos alongamos e aquecemos com o álbum da Elza, *A Mulher do Fim do*

*Mundo*, lançado em 2016. “Quem você é agora?” Contamos segredos, caminhamos de mãos dadas. Vamos? Segundas, terças e quintas? *Embucetou! Tá no feitiço!*, isso é, avante! Que tá lindo!

Imagem 15 - Improvisos sobre Violência contra a Mulher



Foto: Adriana Marchiori - Mostra Universitária do Palco Giratório - maio/2018.

Um encontro sobre a Maria da Penha, a inspiradora de tantas de nós, que nasceu em Fortaleza no Ceará em 1945, a mulher que virou lei, Lei 11.340. A Maria da Penha era professora universitária, casada com um também professor universitário, o homem que tentou matá-la diversas vezes, inclusive de choque elétrico durante o banho. Em uma dessas tentativas ele a baleou na coluna, deixando-a paraplégica. Com a justiça que favorece aos homens e ao capital e nenhuma lei que olhasse para o sério problema social que é a violência doméstica/contras as mulheres, o crime prescreveu antes que o culpado fosse punido. Ela não se calou! Buscou ajuda de organizações internacionais e fez tanto barulho que foi impossível não ouvi-la. Ela conseguiu que seu agressor fosse enquadrado e por sua luta, em 2015, durante o governo Lula da Silva, a Lei Maria da

Penha foi sancionada. Por essa época em que falamos dela todos os dias, ela esteve em Porto Alegre e a Iassanã pode vê-la ao vivo.

Voltamos aos encontros práticos, ritualísticas, onde trabalhamos com o material recolhido nas entrevistas, biografia, memórias desnudas. No segundo encontro Iaiá explicou pontos da pesquisa: pequenas platéias, discurso íntimo, primeira pessoa. No terceiro encontro que eu guiei: “Ser velha enquanto jovem, jovem enquanto velha” - brincamos de abuelas e mulheres selvagens, lemos sobre arquétipos femininos e propus jogos a partir das ideias do livro de Clarissa Pinkola Estés - *Mulheres Que Correm Com Lobos* (Ed. Rocco, 2014) e tu trouxe a dança e criamos uma pequena coreografia para nos aquecer e entrar uma no ritmo da outra e já era maio.

Engravidei de ideias e literalmente também. Conteí da gravidez e felizes topamos seguir assim, comigo gestando um bebê durante o processo. Uma Canção Desnaturada: chegamos a conclusão que seria legal ter alguém para um olhar de fora, a Iaiá fez o convite e a Juliana Ferrari aceitou. E juntas as três, pensamos em sete narrativas, sete vozes femininas. A Juliana trouxe as referências da *deusa Kali*, entidade do hinduísmo e da *Dona Rosa Caveira*, entidade da umbanda, os encontros foram na Cia. de Arte e já era junho.

Juntar-se separar-se, dança pessoal, vinho, brinde ao amor, gargalhadas. Junho teve também a carta para nossas mães, no momento em que a minha vencia a depressão que a tirou de nós por quase um ano. Foi forte. Lemos notícias de jornais sobre mães de filhos inocentes e mortos pela violência: “Mãe lamenta a morte do filho em boate”; “Mãe busca por filho desaparecido há seis dias”; “Mãe pede ajuda com a filha nos braços”; trouxemos também casos de abusos sexuais na infância, notícias pesadas como a casa de Goytacazes, descoberta em agosto de 2015, porque uma das crianças fugiu, foi encontrada faminta e com as ideias desordenadas e levada a delegacia onde contou sobre seu cativeiro. A casa que era mantida por políticos e grandes empresários que confinavam como escravas sexuais, muitas crianças e jovens de 8 anos até 17 - algumas faziam até 30 programas por dia: “Rede de pedofilia mantinha cativeiro em Campos dos Goytacazes, no Rio, entre os indiciados, políticos, empresários e um policial militar” “Acusados de exploração sexual de crianças são alvos de operação no RJ. Os réus

mantinham e exploravam crianças e adolescentes, entre 8 e 17 anos de idade, em uma casa situada em Guarus, distrito de Campos dos Goytacazes” (Site O Globo, 9/06/16).

Performances dos brinquedos no dia dezesseis de junho. Acabamos não usando nossas performances depois, mas guardo elas com todo carinho, como em todo processo, as coisas transformam-se com todos os atravessamentos, aqueles que buscamos mesmo e aqueles que acontecem pelo movimento natural da vida, dos ciclos.. Muitas interrogações nessa etapa do trabalho e a Juliana trouxe o título *O Evangelho Segundo A Mulher Apedrejada*. Eu e Iaiá ficamos em dúvida e resolvemos pensar no título enquanto seguíamos improvisando. Fizemos A Pietá, como imagem e Gif, uma Pietá de manto de jornal, que acolhia as crianças da rua e entramos no inverno e ele foi frio, já era julho.

Imagem 16 - Todas Nós



Foto: Adriana Marchiori - temporada de estreia - Sala Carlos Carvalho/ junho de 2018.

Com propostas da Juliana, brincamos de inventar outras histórias para o surgimento do mundo, outras histórias para o surgimento da mulher porque a que está aí não nos contempla e desconfiando de tudo já era agosto. Passamos a nos encontrar no

Espaço Almada<sup>9</sup> e com a ausência repetida da Juliana, passei a dirigir a Iaiá em cena e vice-versa. Foi quando improvisamos sobre os textos que criamos sobre nossas mães e então a cena da Eli, da Catu, nossas mães, foram criadas assim, entre nós duas. O que também aconteceu com a cena da “Martina”. Foi tocante. Sentimos que nós duas nos entendíamos. Como eu disse era agosto, mês da insânia, não nos entendemos mais enquanto trio, diferenças na estética pensada e no discurso, além de dissonância no cotidiano do jogo, dos ensaios, enfim, nos separamos e voltamos a ser duas apenas. Iassanã e eu. Voltamos para o DAD e já era setembro.

Voltamos suprimindo tudo que era espetaculoso, voltamos a fazer “pianinho”, bem íntimo, Iaia me dirigindo e eu dirigindo ela. Nós, nos dando força e a mão assertiva da Patrícia Fagundes, trabalhando conosco pequenos ajustes e transições.. Nesse tempo teve a Cida Moreira no Teatro São Pedro e nós duas compartilhamos desse show lindo juntas. Na semana posterior ao show da Cida, recebi a notícia de que estava com dilatação e teria que parar com tudo que estava fazendo, ficar em repouso absoluto, porque havia o perigo do bebê nascer antes do tempo. Era primavera, outubro e a banca de mestrado da Iaiá estava bem próxima. Eu disse para minha obstetra que precisava só desta semana a mais e foi assim que aconteceu, lutei como uma leoa para ficar mais quietinha e tive de enfrentar problemas estruturais do DAD, como os elevadores que estavam estragados. Cada colega que eu achava pelos corredores era um braço a mais para compensar os meus que não podiam carregar nada. Eu ficava sentada, como uma grande buda, pedindo e explicando o que eu precisava que as pessoas fizessem. Foi assim que consegui auxiliar a Iaiá, que foi gigante nos últimos dias de preparação. *Todas Nós* nasceu bem juntinho, bem perto de pessoas queridas, foi lindo, forte, pulsante e sensível.

Seguimos com o resultado do nosso trabalho, com a Patrícia Fagundes jogando com a gente. Participamos no Palco Giratório 2017, uma temporada de um mês como também contempladas do edital de ocupação da Carlos Carvalho da CCMQ e do Porto Verão Alegre de 2019. Terminei essa tentativa de registro, sempre com o pensamento de alimentar a memória, mas acima de tudo como uma escritura de gratidão. Quem você é

---

<sup>9</sup> Espaço inaugurado por Juliana Ferrari e outras/os artistas independentes, como forma de gestão de trabalhos e sala para ensaios.

agora? Iaiá, Eli, Juçara, Catulina, Violeta, Julia, Bruna, Martina, Maria. Eu, Tu, Elas.  
Todas Nós. Não sei pra onde vamos, mas tenho a felicidade de sentir sempre uma mão  
na minha. A felicidade de saber que vamos juntas. Todas Nós

## 5. OFICINA MULHER, PROTAGONISMO E MEMÓRIA

Imagem 17: - Oficina Para Mulheres



Crédito: Lucca Curtolo, foto dessa edição incrível durante a temporada de aniversário do espetáculo *Frida Kahlo, À Revolução!* em outubro de /2016

Há algum tempo eu e a Lara Coletti, compartilhamos sonhos. Ela é minha amiga de adolescência e está comigo na fundação d'A Cia Dramática, trabalhou também nos elementos cênicos do espetáculo desde sua construção em esquete e depois em criação cênica de 60 minutos, responde pela cenografia, cenotecnia, compartilha comigo a produção e também é responsável pela criação do material gráfico. Além de ser minha co-madre: madrinha do meu filho, Francisco (Pancho) e eu do filho dela, o Romã. A Lara é o sentido mais pleno da expressão co-madre (do espanhol), ela sempre foi uma *co-mãe* minha, mesmo antes dos garotos nascerem. Ela é um porto seguro para mim, no mundo. Me acolheu, muitas vezes destroçada e me ajudou a ficar de pé. Tem espírito libertário firme e certo. Consegue expor suas ideias de forma ponderada e respeitosa. Sempre aprendi muito com essa mulher e nossos encontros sempre foram produtivos, desde quando fazíamos velas artesanais para levantar grana para viajar, lá no início de 2000, ou assistindo *Diários de motocicleta*, o filme sobre o Che Guevara com o Gael

Garcia, lá no Anfiteatro-por-do-sol, uma catarse coletiva com mais 15 mil pessoas que vieram para Porto Alegre sonhar juntas/os um outro mundo possível - durante o Fórum Social Mundial de 2005. Seja produzindo a Frida juntas desde 2012 (quando ela abraçou comigo o trabalho administrativo/comercial), seja nos impulsionando a construir os trabalhos que fazemos solas, ou com outros coletivos.

Imagem 18 - Lara Coletti

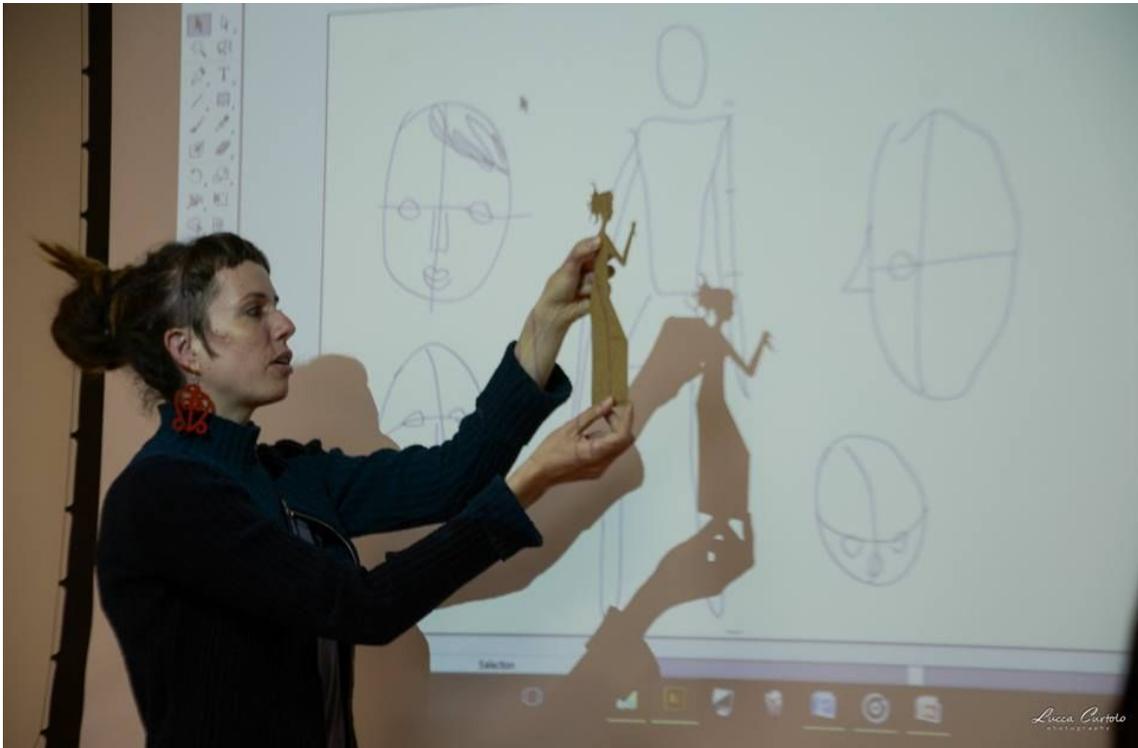


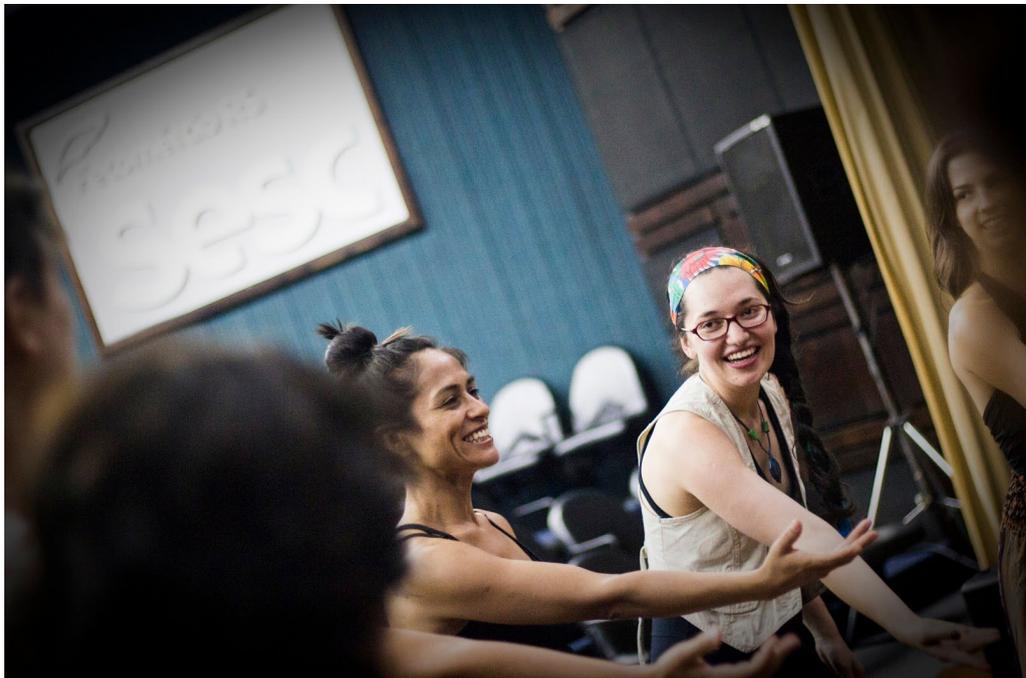
Foto: Lucca Curtolo / Teatro da Santa Casa - 2017.

Faço esse intróito em homenagem à ela que em algum desses encontros me incitou a fazer uma oficina de teatro durante as temporadas como forma de aproximação com a comunidade que acolhe o espetáculo. Com a ideia dela me veio muitas coisas ao pensamento, reformulei a proposta e pensei numa oficina que nós duas déssemos. Eu abriria falando da Frida, do espetáculo e da história da mulher no mundo, ela faria uma prática de feitura de autorretratos, com as presentes e eu finalizaria com uma prática de teatro. Toda a construção direcionada para mulheres acima de quinze anos. Desde 2015 realizamos essa oficina, primeiro junto com a temporada de aniversário que fizemos todo ano de 2010 até 2018, depois de forma independente. Com o nascimento do Romã,

fiz algumas edições da oficina sozinha, sempre que nos chamavam. Combinamos de não deixar esfriar o movimento e assim fazemos uma pela outra. A temporada de 2016 no Teatro da Santa Casa<sup>10</sup>, que fizemos mais uma vez de forma independente, teve cobertura jornalística da revista eletrônica Nonada. Na edição de agosto de 2016 saiu uma crítica linda da Giulia Barão - *A revolução de Frida Kahlo é todo dia* - Julia falou a maior parte do tempo sobre o espetáculo, mas olhou também para as atividades, diálogos e inclusão com a comunidade.

Na perspectiva de trabalhar pela representatividade e a inclusão, a produção do espetáculo realiza duas apresentações com tradução simultânea para LIBRAS (dias 04 e 11 de agosto), e uma com audiodescrição (11/08), e oferece à comunidade duas oficinas gratuitas focadas no protagonismo feminino: “Autorretrato – Expressar é começar a libertar-se” e “Mulher, protagonismo e memória – a revolução de Frida Kahlo”. Nesta última, ministrada pela própria atriz e pesquisadora Juçara Gaspar e voltada apenas para mulheres, além de estudar a biografia de Frida e alguns dos arquétipos presentes em sua obra, as participantes são convidadas a trocar experiências e vivenciar um pouco do *artivismo* feminista. Cada mulher entrega um pouco de si e recebe um tanto de todas as outras – olhares, abraços, narrativas pessoais que terminam com um cortejo de Fridas.

Imagem 19 - Oficina de teatro para mulheres



Crédito: Qex Bitencourt registrou a oficina no Sesc/Porto Alegre/RS, março de 2017.

---

<sup>10</sup> Teatro da Santa Casa está localizado no prédio do Museu e compõe o Centro Histórico e Cultural Santa Casa, inaugurado em junho de 2014.

## 6. DOCÊNCIA COMO ATO POLÍTICO - POR UMA PRÁTICA FEMINISTA E EMPÁTICA

Foi com essas ideias que iniciei o meu Estágio I de docência, rompendo o silêncio desde o início, multiplicando minha visão feminina da história e ecoando a voz das mulheres que li. Conjugando minha pesquisa sobre memória feminina e o Programa de Estudos da Escola onde cumpri meu estágio, o CAP - colégio de Aplicação da Ufrgs, que está situado dentro do Campus do Vale, em Viamão da Universidade Federal do RS. O Colégio possui uma coordenação de teatro e na súmula da disciplina estava nos conteúdos programáticos trabalhar o tema Shakespeare e teatro elisabetano. Nosso trabalho foi ambientado e apresentado com esse olhar, explanando a condição da mulher na época, destinada ao privado, ao doméstico, sem possuir direitos, considerando que a obra do autor, universalmente conhecida é produto de uma determinada época e deve ser avaliada com esse olhar.

Imagem 20 - Cartaz do Estágio I

A imagem é um cartaz para um evento de teatro. No topo, há uma fotografia de um grupo de cerca de 15 jovens, homens e mulheres, posando em um espaço que parece ser um teatro ou uma sala de ensaio. Abaixo da foto, há um círculo rosa com o texto "Gênero e Racismo" em branco, "13/06 - 11:30h" em preto e "Improvisos Cênicos" em branco. À direita do círculo, há uma lista de nomes sob o título "ELENCO:". Na parte inferior do cartaz, há informações sobre o operador de luz, a operadora de som, o assistente de direção e a orientação, todas em texto branco sobre um fundo preto.

**Gênero  
e Racismo**  
**13/06 - 11:30h**  
**Improvisos  
Cênicos**

**ELENCO:**  
Aira Petroli,  
Ana Laura Soares,  
Arthur Gusmão,  
Bernardo Severo,  
Carolina Goulart,  
Cristiana Lopes,  
Eduarda Soares,  
Eduardo Deke,  
Roberta de Ávila,  
Gabriel Centeno,  
Gabrielli da Silva,  
Gustavo Fernandes,  
Heitor Passos,  
Henrique Nunes,  
João Backes Nunes

**Operador de luz: Gustavo Fernandes**  
**Operadora de som: Carolina Goulart**  
**Assistente de Direção: Gabrielli da Silva**  
**Orientação: Juçara Gaspar (professora estagiária)**

Meus questionamentos, gatilhos e inquietações eram muitos: como trabalhar gênero e Teatro Elisabetano? Shakespeare? Sabemos que em sua produção dramaturgica, ele retratou a condição feminina vigente na sua época, sob a tradição e o pensamento patriarcal, que condiciona o comportamento das personagens mulheres e que as influencia durante todo o enredo de suas obras. Também sabemos que na época em que Shakespeare (1564-1616) viveu e escreveu suas tragédias e comédias, os homens não permitiam que mulheres trabalhassem no teatro, então eles próprios escreveram sobre como eram as mulheres e também as interpretavam, afinando a voz e perpetuando atuações caricatas e muitas vezes depreciadoras do gênero feminino.

A obra que trouxe para trabalharmos foi *Otelo*, que provocou inquietações como: ‘mais de quinhentos anos depois e as coisas continuam iguais, sora’; ‘ele matou ela mesmo, sora?’’. Também foi o momento em que todas/os tiveram contato com a palavra feminicídio, que a trabalharam e improvisaram e puderam dialogar sobre. Nos encontros que se sucederam, trouxe diálogos de personagens para sortearmos em jogos de improvisação. Em cada aula, tive o maior cuidado para colocar em prática a interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista. A educação como prática da liberdade para Hooks, em seu livro *Ensinando a Transgredir - A Educação Como Prática da Liberdade*, e para seu maior mentor, o brasileiro Paulo Freire (Bell Hooks cita principalmente os texto da obra *A pedagogia do Oprimido*) “é um jeito de ensinar que qualquer uma/um pode aprender”. Em cada aula me dirigia a cada uma/um, dava sempre um olhar afetuoso para dúvidas e comecei a disseminar frases empoderadoras, citei nomes, trouxe textos, músicas, jogos que permitiam uma prática de afetividade, de se reconhecer na outra/o. Conforme as aulas transcorriam pude perceber um incrível movimento: como as mulheres da turma passaram a se enxergar como parceiras, a se ajudar, a se elogiar e tratar-se de forma afetuosa - a sororidade também pode ser incentivada e descoberta através de sua prática cotidiana. Desde a primeira aula que ministrei me dirigia, a elas/eles, fazendo referência a presença feminina, tão subtraída, ausência inclusive atestada pela Língua Portuguesa e seu uso.

Imagem: 21 - Apresentação dos improvisos da turma 81.



Foto: Juliano Rabelo, professor titular - cena final, junho de 2019.

Atesto nesse documento que ao agir empaticamente, com um olhar humano e afetuoso e sua contribuição contagiante e efetiva, o retorno instintivo vem na forma de um entregar-se à vivência mais lúdica e coletiva do aprender, sentindo prazer na compreensão das individualidades e segurança no compartilhar de sua própria emoção. Também desde o princípio deixei-os cientes do protagonismo de cada uma/um, chamando-os por seus nomes sempre e valorizando as suas presença na aula. Também deixei claro que esperava delas/es maturidade e concentração, visto que os denominava coletivamente de ‘elenco” e individualmente como atrizes e atores e senti que compreendiam a responsabilidade que essa escolha continha. Outro fator simples e de vital importância para a instauração desse clima de cooperação foi as duas observações que fiz da turma, antes de iniciar efetivamente as aulas. O fato de observar a turma de alunas/os em duas oportunidades e gravar seus nomes e nomeá-los sempre com

profundo respeito e admiração, os fez retribuir com atenção e superação em cena, foco, trabalho em equipe, que possibilitou vencer a timidez, o tempo curto para criação, a própria demanda de vida e crescer e brilhar de forma tão viva, real e tão latente que a platéia queria nova apresentação, perguntando se iam seguir trabalhando e apresentando em outras oportunidades. Foi realmente incrível!

No Estágio II foi mais difícil para mim. Eu previ seguir o mesmo roteiro que havia dado super certo com a turma 81 do CAP, durante o semestre anterior. A turma foi a 101 do CAP. Mas as turmas são diferentes, cada uma possui características distintas e também as /os integrantes vivem tempos e situações diferentes. Nos momentos de dúvida, ou quando algo não saía da melhor forma, sempre me vinha à cabeça outra frase da Bell Hooks, ela afirma que “Ensinar é um ato teatral”, uma prática que permita invenção, reinvenção, alterações espontâneas e espaço para mudanças, evidenciando os aspectos únicos de cada turma. A quinta aula que tive com a turma foi de conversa e ajuste de combinações e sentimentos, re-invenção, alterações. Uma das garotas, que faltava muito ao ser indagada sobre seu excesso de faltas disse que não se sentia à vontade com minha forma de trabalho inventiva. Preferia as aulas com o ex-professor, o Lorenzo, queria improvisado simples e direto, como o exercício da Viola Spolin: O que, Quem e Onde. Outras duas alunas e um dos gurus disse estar bem à vontade e super curtindo as práticas propostas, outra garota não estava percebendo nada de anormal nas aulas. No final das contas pedi que propusessem que caminho queriam. Gostei de vê-las/os cheias/os de personalidade, o que não quer dizer que meu ego não saiu ferido, apesar de muitas/os terem dito que estavam adorando as aulas, havia uma garota: primeira pessoa a não gostar da prática que venho propondo, ou quem sabe, a primeira que se sentiu forte para dizer. Eu lembro de implicar com algumas mulheres quando era jovem, justamente as que pareciam-se demais comigo. Posso criar conjecturas e reflexões mil sobre o episódio, mas o fato é que isso nos possibilitou conversar sobre e poder esclarecer sentimentos controversos. Fizemos uma produção de autorretratos, que compilei no cartaz, com o título escolhido por elas/es.



Essa ideia surgiu a partir de uma proposta que inspirada na oficina para mulheres: Mulher, Protagonismo e Memória, da feitura de um autorretrato

Depois dessa longa conversa nos vimos mais enquanto agentes moventes, de forma e força equiparada, desse barco onde estamos flutuando em um rio, ou mar, que não sabemos onde vai atracar. De uma proposta que trouxe inspirada na oficina para mulheres: *Mulher, Protagonismo e Memória*, da feitura de um autorretrato, compilamos as fotos das ilustrações como ideia para o cartaz.

Mesmo com tantas dúvidas e interrogações, com erros e acertos, tentativas e práticas efetivas ao analisar a prática pedagógica e as concepções de teatro que procurei desenvolver com os alunos, o tema gênero sempre esteve em evidência não só na temática e narrativa, como também numa prática pedagógica com esse olhar e construção. Acredito fielmente quando Simone de Beauvoir afirma que a liberdade advém, primeiro, de uma negação de concepções arcaicas e escravizantes. Essa é minha pesquisa central como artista, como atriz e em todas as minhas ações na prática cênica.

O cerne da minha prática pedagógica não poderia ser composto de outra matéria que não essa, uma prática pedagógica feminista, trazer para a docência e para o fazer artístico a possibilidade de dialogar sobre gênero, tendo essa infalível ferramenta de diálogo: o teatro. O teatro é uma arma quente.

## 7. SOMOS MUITAS E VAMOS JUNTAS!

Agora em agosto de 2019, no mês que completei um ano como parceira do Cuidado Que Mancha<sup>11</sup>, desenvolvendo trabalhos como brincadora no espaço de arte e brincadeiras que o Grupo mantém na Azenha; como stand-by das atrizes e como produtora, a Raquel Grabauska - coordenadora do Espaço e diretora do Grupo, me fez o convite para pensar um projeto com temáticas femininas que teria uma periodicidade mensal. Aceitei mas em vista de um semestre com TCC e Estágio II, propus que compartilhássemos a produção. Então em setembro, dia 27, fizemos a primeira edição no auditório do espaço Cuidado Que Mancha - rua damasco, 162, Azenha, de uma noite de encontro, com apresentações artísticas de mulheres das mais diversas áreas.

Nasceu então a *Cia. De Mulheres* e a programação teve a bailaora Daniele Zill - minha parceira em Frida Kahlo e Mulheragem - com um número de flamenco, com castanholas e mantón; a Suzane Cardoso - minha colega do DAD (Departamento de Arte Dramática/UFRGS), com sua pesquisa como professora-mc e atriz-mc - uma cena sobre arte de rua e com rima improvisada; Vika Schabbach e Raquel Grabauska - ambas com suas pesquisas de dramaturgia autoral, defendendo textos próprios e a atriz e performer Renata Cieslak, com uma cena performática sobre a ditadura estética e de consumo.

Em outubro no dia 25 realizamos a segunda edição compartilhando a produção entre quatro mulheres: Eu, Vika Schabbach, Raquel Grabauska e Katia Bressane (produtora, fotógrafa e psicóloga). A programação foi um enlevo só e teve a presença da atriz e professora Mirna Spritzer em uma cena onde ela fez a leitura de uma colagem, com escritos próprios e excertos de outras/os - tão simples, místico e estupendo. Nessa noite também fui para a cena, fiz a cena *Volver a Violeta* sobre a Violeta Parra, que desenvolvo para a montagem Mulheragem; teve também a flautista Stefania Colombo e a violonista Julia Valentini com três canções que misturam os ritmos do sul com outras brasilidades sonoras; a quarta cena foi com a bailarina Maria Albers, que dançou

---

<sup>11</sup> Grupo de Teatro e música para crianças, fundado em Porto Alegre há 23 anos.

Ascensão<sup>12</sup>, um espetáculo solo que está em processo de criação, com várias mãos e olhos diferentes na direção.

Me alegra concluir esta escritura com um trabalho que recém nasceu e já tem me presenteado com tantas vivências, trocas e emoções. Concluir atestando esse campo aberto para mais manas, mais trabalhos autorais femininos, mais força para a mandala que não solta a mão. Embora algumas das mulheres com as quais já cruzei caminhos, estejam distantes, em cidades, Estados ou outros países, sei que estão também na luta onde quer que estejam. Com os versos da Violeta Parra e seu enlevo musical de empatia: *“ni toda la gente sufre de la misma manera”*, sigo sendo propositora, semeando e agregando, nessa busca de compreensão de que estamos todas em movimento e cada uma está no seu tempo de ação. Considero justas/os todas as forças e movimentos a favor dessa ideia, dessa bandeira, dessa luta. Até que a última de nós corte a corrente que a oprime, quebre a roda que a subjuga.

Eu marcho com urgência e paixão. Encontro mãos que afagam e acalmam, que me devolvem para o caminho de forma mais branda e doce. Sinto isso. Forjo estratégias, penso táticas para intensificar o caldo. Acredito nessa revolução de aldeia que cresce e vira tufão sem precedentes. Me alegra concluir essa feitura de tcc no meio desse fomentar, no meio dessa avidez de justiça em tempos de governo fascista. Sigo a tecer redes, insisto, sigo convidando, estimulando. Até onde restar ganas estarei de pé nessa marcha onde encontro tantas mulheres, tantos saberes distintos, tantas histórias que merecem ser contadas e re-contadas. Vamos todas, somos muitas e vamos juntas!

---

<sup>12</sup> Ascensão é um espetáculo em processo de montagem, de autoria de Maria Albers e co-dirigido por um grupo de bailarinas/os do sul do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone - *O Segundo Sexo - II A Experiência vivida*. São Paulo: Ed. Difusão Européia Do Livro, 1960;
- WOOLF, Virgínia - *O Valor Do Riso*. São Paulo: Cosac Naify, 2014;
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi - *Para Educar Crianças Feministas* - São Paulo: Companhia Das Letras, 2017;
- HOOKS, Bell - *Ensinando a Transgredir - A Educação Como Prática da Liberdade* - HARAWAY, Donna. (2004). *Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 22, p. 201-246;
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2006;
- DEL PRIORI, Mary (Coord) BASSANESSI, Carla (coord de textos). *História das Mulheres no Brasil*. Contexto, 2014.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e Violência*. Expressão Popular, 2015
- MIRANDA, Maria Brígida de. *Da Pesquisa à Sala de Aula*.
- ICLE, Gilberto. *Teatro e construção de conhecimento*. Porto Alegre/Montenegro: Mercado Aberto/Fundarte, 2002;
- ICLE, Gilberto. *O ator como xamã*. São Paulo: Perspectiva, 2006;
- FERREIRA, M. L. R. *Spinoza, Hobbes e a condição feminina*. In: FERREIRA, M. L. R. (Org.). *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo-RS: Ed. Unisinos, 2010;
- SHAKESPEARE, William. *Otelo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968;
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011;
- SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais - o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008;
- MALUF, Sônia Weidner; COSTA, Cláudia de Lima. (2001). *Feminismo fora do centro: entrevista com Ella Shohat*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 9, n. 2, p. 147-163;
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres Na Sala De Aula* in: PRIORE, Mary Del (Org.). *História Das Mulheres no Brasil*. Ed. Contexto, 2004;
- GRAEFF, Lucas; CONSTANTE, Robson da Silva; CAYE, Arlete; PASTELLETTO, Nielly da Silva. *O amor pelo teatro*. <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/90186>

KAHLO, Frida – *Suas Fotos* – Cosac Naify – 2010

LE CLÉZIO, J.M.G – *Diego e Frida* – Record - 2010

KAHLO, Frida – *O diário de Frida Kahlo, um auto-retrato íntimo* – José Olympio Editora - 1995

JAMIS, Rauda – *Frida Kahlo* – Martins Fontes - 1987

EGGERT, Edla (Org.) – *Re Leituras de Frida Kahlo “Por uma estética da diversidade machucada”* – Santa Cruz do Sul – Edunisc – 2008

KAHLO, Frida – Compilação Martha Zamora – *Cartas Apaixonadas de Frida Kahlo* – José Olympio Editora -1999

KETTENMANN, Andrea – *Kahlo Dor e Paixão* – Taschen – 1994

BURRUS, Cristina – *Frida Kahlo “I Paint my Reality”* – Thames & Hudson – 1995

MAYAYO, Patrícia – *Frida Kahlo Contra El Mito* - 2008 –Ed. Ensayos Arte Cátedra, Madrid.

HERRERA, Hayden. *Frida Kahlo, Biografia Definitiva* -

Internet:

Página oficial de Frida Kahlo, You Tube, Google.

Cinema:

TAYMOR, Julie – *Frida* – 2002

LEDUC, Paul - *Frida, Natureza Viva* - 1983

Música:

VARGAS, Chavela – *Discografia Completa*.

DOWNS, Lila – *Discografia Completa*.

*Contribuição especial de André Sidnei Musskopf, teólogo, pesquisador e estudioso da vida e obra de Frida Kahlo – autor do artigo VEADAGENS TEOLÓGICAS, publicado no livro Re Leituras de Frida Kahlo “Por uma estética da diversidade machucada” e de Edla Eggert, professora e pesquisadora na UNISINOS, organizadora do livro citado e autora do artigo A APATIA DE QUEM OLHA: A VIOLÊNCIA NATURALIZADA.*